

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA**

Um estudo comparativo entre crianças em contextos familiares de risco e  
em contextos familiares normativos

**Inês Sofia Cabrela Machado**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2013**



**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA**

Um estudo comparativo entre crianças em contextos familiares de risco e  
em contextos familiares normativos

**Inês Sofia Cabrela Machado**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Santa Bárbara Narciso

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2013**



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, o meu enorme agradecimento à Professora Doutora Isabel de Santa Bárbara Narciso. Por me ter orientado ao longo deste percurso, pela preciosa ajuda, pelos conselhos, pelas sugestões e pelos conhecimentos transmitidos. Foi sempre um exemplo de trabalho e rigor que guardarei comigo.

À Dra. Andreia Baptista, pela preciosa ajuda, pelos conselhos, pelas reflexões, pela paciência e, sobretudo, por me ter ajudado a acreditar que era possível.

Ao Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental (CAFAP) da Associação NÓS, no Barreiro e ao CAPAP “Com Vida”, do Centro Social de Palmela, pela colaboração no presente estudo.

À Dra. Guida Mendes, à Dra. Manuela Martins, à Dra. Lúcia Paço e à Dra. Patrícia Navalho, pela ajuda indispensável nos contactos com as famílias da amostra de crianças em risco.

À Mena Andrade, pela igualmente indispensável ajuda nos contactos com as famílias das crianças da amostra normativa.

A todas as famílias que deram o seu consentimento e a todas as crianças que participaram no presente estudo, o meu muito obrigado!

À *família sistémica*, por acolher os meus desabafos, as minhas pequenas conquistas e, sobretudo, por ser fonte de apoio fundamental.

À Sara M., à Patrícia P. e à Cláudia E., por me terem acompanhado durante os últimos cinco anos. Por terem estado presentes a cada conquista e a cada derrota, por me terem apoiado e permitido acreditar, o meu eterno agradecimento!

À Cátia S., companheira deste último ano, por me ter apoiado incondicionalmente.

A quem esteve sempre presente, a cada momento... à Cátia e à Tatiana, pela ajuda, pela paciência, pela esperança transmitida e, sobretudo pela amizade incondicional.

À minha família.

À minha mãe e ao meu pai, por tudo! Sem eles não teria sido possível!



## RESUMO

O presente estudo pretende compreender se existem especificidades nas representações de família de crianças sinalizadas às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens. Procura-se explorar diferenças e semelhanças entre crianças em risco (N = 10) e crianças em situação familiar normativa (N = 10), com idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos, ao nível das representações de família, das representações do *self* e de indicadores/facilitadores de vinculação segura vs. insegura às figuras parentais. É, ainda, objetivo da investigação, testar a adequação da grelha de codificação *MacArthur Narrative Coding Manual* (Robinson, Mantz-Simmons, MacFie, Kelsay & *The MacArthur Narrative Working Group*, 2001).

Através de uma análise qualitativa dos dados, recolhidos a partir da aplicação do *The MacArthur Story Stem Battery* (Bretherton et al., 1990) e do *Desenho da Família* (Corman, 1982), encontraram-se evidências de que as representações de família das crianças da amostra de crianças em risco são marcadas por representações mais negativas dos seus cuidadores; por representações de distanciamento familiar; e por uma maior prevalência de indicadores/facilitadores de vinculação insegura. Em relação aos indicadores/facilitadores de vinculação segura aos cuidadores, estes foram mais evidentes junto da amostra normativa, onde a diferença entre indicadores/facilitadores de vinculação segura e de vinculação insegura foi muito marcada. Ao nível das narrativas, na amostra de risco foram mais evidentes os temas de conflito interpessoal, agressividade e perigo.

As representações da fratria vão contra esta tendência de negatividade, apresentando-se como mais positivas junto das crianças em risco. Já as representações do *self* foram mais evidentes na amostra normativa, que elaborou quer mais representações positivas, quer mais representações negativas do *self*. A menor diferença nas representações positivas dos cuidadores nas amostras em estudo, revelou-se um dado interessante, sugerindo uma influência distinta das experiências de maus-tratos nas representações positivas e nas representações negativas dos cuidadores.

**Palavras-chave:** crianças em risco; representações de família; representações do *self*; narrativas.



## **ABSTRACT**

The present study intends to understand whether there are specific family representations of children identified for the *Comissões de Proteção de Crianças e Jovens*. We attempt to explore the differences and similarities between a at-risk children sample (N = 10) and a normative children sample (N = 10), aged between 7 and 11 years, regard to family representations, representations of self and indicators of secure attachment vs. insecure attachment to parental figures. It is also a goal of this research, to test the adequacy of the *MacArthur Narrative Coding Manual* (Robinson, Mantz - Simmons, MacFie , Kelsay & The MacArthur Narrative Working Group, 2001).

Through a qualitative analysis of data collected from the application of *The MacArthur Story Stem Battery* (Bretherton et al., 1990) and the *Family Drawing* (Corman, 1982), we found evidences that the family representations of at-risk children sample are marked by more negative representations of their caregivers, more representations of family distance, and a higher prevalence of indicators of insecure attachment. In what concerns to indicators of secure attachment to caregivers, these were more evident in the normative sample, where the difference between indicators of secure attachment and insecure attachment were very clear. In terms of the narratives, in the at-risk sample, the themes most evident were interpersonal conflict, aggression and danger.

The phratry representations go against this trend of negativity, showing more positive data on the at-risk sample. The representations of self were more evident in the normative sample, which produced more positive and more negative representations of self. The smallest difference in positive representations of caregivers in the samples under study, were an interesting outcome, suggesting a distinct influence of the experiences of maltreatment in positive representations and in negative representations of caregivers.

**Keywords:** at-risk children; family representations; representations of self; narratives.



## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	1
<b>1. Enquadramento Teórico</b> .....	3
Conceito de Família .....	3
Funções da família.....	4
Crianças em Risco e Perigo .....	5
Os conceitos de crianças em risco e perigo .....	6
O conceito maus-tratos infantis .....	7
Tipologias de maus-tratos .....	8
Representações de Família.....	9
A relação de vinculação .....	11
Os modelos de funcionamento interno.....	11
Estudo das Representações de Família de Crianças em Risco.....	13
<b>2. Metodologia</b> .....	21
Desenho da Investigação.....	21
Questão Inicial.....	21
Objetivos .....	21
Mapa Concetual.....	22
Questões de Investigação .....	22
Estratégia Metodológica .....	23
Caracterização da Amostra.....	23
Instrumentos .....	24
<i>Questionário de Dados Biográficos</i> .....	24
<i>The MacArthur Story Stem Battery</i> .....	24
<i>Desenho da Família</i> .....	26
Procedimentos de Recolha de Dados .....	27
Procedimentos de Análise de Dados .....	28



<b>3. Resultados</b> .....	31
<b>4. Discussão</b> .....	43
<b>Reflexões Finais</b> .....	53
<b>Referências</b> .....	59

### **Índice de Figuras**

Figura 1 – Mapa conceptual das variáveis em investigação.....	22
Figura 2 – Categorias representações relações familiares .....	31
Figura 3 – Referências representações cuidadores principais .....	33

### **Índice Quadros**

Quadro 1 – Árvore de categorias .....	29
Quadro 2 – Representações da Fratria X Grupo X Sexo .....	35
Quadro 3 – Representações do Self X Grupo.....	37
Quadro 4 - Representações do Self X Grupo X Sexo.....	37
Quadro 5 – Proposta grelha codificação <i>The MacArthur Story Stem Battery</i> .....	54

### **Apêndices**

<i>Apêndice I – Questionário de dados biográficos</i>
<i>Apêndice II – The MacArthur Story Stem Battery (histórias)</i>
<i>Apêndice III – Desenho da Família (questões)</i>
<i>Apêndice IV – Pedido de colaboração no estudo</i>
<i>Apêndice V – Consentimento informado</i>
<i>Apêndice VI – Árvore de categorias</i>
<i>Apêndice VII – Outputs Nvivo10</i>

### **Anexos**

<i>Anexo A – The MacArthur Narrative Coding Manual (excertos)</i>
---



## Introdução

---

*“Sans famille, l'homme, seul au monde, tremble dans le froid.”*

*André Maurois*

Ao longo do desenvolvimento, o indivíduo constrói, a partir das experiências de vinculação com os principais cuidadores, representações mentais do *self*, dos outros e das relações. Perspetivadas, na Teoria da Vinculação, enquanto *Modelos do Funcionamento Interno*, estas representações mentais, fortemente constrangidas pelas experiências iniciais, são internalizadas, estruturando, em parte, as experiências futuras (Sroufe et al., 2010), permitindo, aos indivíduos, abordar as novas experiências relacionais de forma congruente com a história das experiências relacionais passadas. As experiências de relações abusivas ou negligentes com os cuidadores, na infância, contribuem para a formação de representações negativas do *self* e dos cuidadores, influenciando o desenvolvimento emocional, comportamental e social das crianças.

O presente estudo enquadra-se no âmbito da Psicologia da Família e da Avaliação Psicológica, e pretende compreender se existem especificidades nas representações de família de crianças sinalizadas às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens. Mais especificamente, procura-se explorar diferenças e semelhanças entre crianças em risco e crianças em situação familiar normativa, ao nível das representações de família, das representações do *self* e de indicadores de vinculação segura vs. insegura às figuras parentais. É, ainda, objetivo da investigação, testar a adequação da grelha de codificação do *The MacArthur Story Stem Battery* (Bretherton et al., 1990) – *MacArthur Narrative Coding Manual*, tal como proposta por Robinson, Mantz-Simmons, MacFie, Kelsay & *The MacArthur Narrative Working Group* (2001).

Inserida no tema da adaptação psicológica de crianças em contextos não normativos de vulnerabilidade (sinalização), a presente investigação, com crianças em idade escolar, poderá apresentar contributos válidos, concorrendo para aumentar o conhecimento empírico em relação à influência dos factores específicos da criança (representações de família e das interações familiares) na adaptação psicológica das crianças e promover a reflexão ao nível da prevenção e intervenção terapêutica com crianças em contextos de risco.



## 1. Enquadramento Teórico

---

### Conceito de Família

O Homem tem sobrevivido, em todas as sociedades, pertencendo a agregados sociais, variando de cultura para cultura no nível de organização e de diferenciação (Minuchin, 1982). Desta convivência em grupos, inerente à condição humana e muito importante para a sobrevivência, se depreende que a família tem um papel fundamental no desenvolvimento humano. É na e com a família que atravessamos as várias etapas do ciclo vital, sendo que esta família engloba as diversas *famílias* (família de origem, família nuclear, família de origem do cônjuge) que fazem parte da nossa trajetória pessoal. A família é um espaço que permite a elaboração e a aprendizagem de dimensões fundamentais da relação com o outro, como a linguagem, a comunicação e as relações interpessoais, sendo também um espaço onde são vivenciadas relações afetivas significativas (Alarcão, 2006).

Pensando a família segundo a perspectiva sistémica, esta deve ser encarada enquanto *“um sistema, um todo, uma globalidade”* (Relvas, 1996, p.10), sendo a família mais do que a soma dos seus elementos, pois dela fazem também parte o conjunto de relações entre estes. Cada sistema familiar é único, tem a sua própria identidade familiar, já que é constituído por um conjunto de elementos únicos e por uma teia relacional única. Segundo Gameiro (*citado por* Relvas, 1996, p.11),

*“A família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados (...). A simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional desta estrutura.”*

Cada família é um sistema integrado dentro de outros suprasistemas, como a comunidade ou a sociedade, e que integra subsistemas (individual, conjugal, parental e fraternal), todos eles organizados hierarquicamente e possuindo limites que os diferenciam.

Na perspectiva de Minuchin (1982, p. 25), a família é *“uma unidade social que enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento. Estas diferem junto com parâmetros de diferenças culturais, mas possuem raízes universais.”* A família sofre um processo de desenvolvimento que diz respeito *“à mudança da família enquanto grupo, bem como*

*às mudanças nos seus membros individuais (...)*” (Relvas,1996, p.16), isto é, indivíduo e família co-evoluem em simultâneo ao longo do ciclo de vida. Ao longo do seu desenvolvimento, a família cumpre um conjunto de tarefas que conduzem a transformações na organização familiar. Estas tarefas estão relacionadas, por um lado, com as características individuais dos elementos que compõem a família e, por outro, com a pressão social para desempenhar determinada tarefa de forma adequada para a continuidade do sistema (Relvas, 1996).

### **Funções da família**

Independentemente da tipologia e das características da família à qual pertencem, as crianças esperam que esta as possa amar e estar disponível para dar resposta às suas necessidades. Num sentido mais lato, estando a família orientada para o cumprimento de tarefas essenciais associadas ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento dos seus membros ao longo do ciclo vital, esta apresenta-se como tendo duas funções principais: uma *função interna*, de desenvolvimento e proteção psicossocial dos seus membros; e uma *função externa*, de socialização dos seus membros, acomodação a uma cultura e transmissão dessa cultura. A família permite a criação de um sentido de identidade dos seus membros, pela criação do sentido de pertença a uma família específica e pela criação de um sentido de separação e individuação, que ocorre pela participação do indivíduo em diferentes subsistemas familiares e em grupos extrafamiliares (Minuchin, 1982; Relvas, 1996). “*Muito embora a família seja a matriz do desenvolvimento psicossocial dos seus membros, também deve se acomodar a uma sociedade e assegurar alguma continuidade para a sua cultura*” (Minuchin, 1982, p. 54).

Pensando as funções da família numa perspetiva mais restrita, é função dos pais dar resposta a um conjunto de necessidades da criança. O *Framework for the Assessment of Children in Need and their Families* (Department of Health, Department for Education and Employment and Home Office, 2000) define um conjunto de dimensões fundamentais para a saúde e desenvolvimento da criança: *cuidados básicos*, isto é, assegurar a satisfação das necessidades básicas e fornecer cuidados médicos adequados; *segurança*, pelo assegurar que a criança está protegida de qualquer tipo de perigo, incluindo contacto com adultos não protetores ou colocação de si próprio em perigo; *afeto*, isto é, assegurar a satisfação das necessidades emocionais da criança, valorizando as suas competências; *estimulação*, que inclui a promoção das

aprendizagens e do desenvolvimento intelectual; *regras e limites*, isto é, possibilitar à criança a regulação dos seus comportamentos e estados emocionais, pela demonstração e modelagem de comportamentos adequados e pelo controlo de emoções e interações com outros e através do estabelecimento de limites, que permitam desenvolver um modelo interno de valores morais e de comportamentos sociais adequados; *estabilidade*, que envolve providenciar à criança um contexto familiar suficientemente estável que a permita desenvolver-se e manter um vínculo seguro com os principais cuidadores.

À criança, deve ser assegurado que as suas necessidades fundamentais são satisfeitas, permitindo um desenvolvimento saudável e harmonioso, o que nem sempre ocorre. As *famílias multiproblemáticas*, são famílias no seio das quais se evidencia a existência de uma série de problemas que afetam um número indeterminado de elementos, nomeadamente problemas ao nível de desempenho de funções (nomeadamente parentais), de delimitação de fronteiras, de organização estrutural e de instabilidade psicossocial dos seus elementos. Nestas famílias surgem dificuldades na transformação das crises em oportunidades de crescimento, sendo o seu funcionamento familiar habitualmente caracterizado por: uma insatisfatória realização das tarefas familiares, quer a nível mais organizativo (suporte económico, educação, saúde, proteção dos filhos), quer mais relacional (gestão de tensões, estabilidade afetiva dos seus elementos). Assim, no caso das *famílias multiproblemáticas*, quer a *função interna*, quer a *função externa*, estão perturbadas, i.e., as crianças interiorizam modelos inseguros de vinculação e são deficientemente socializadas. No seio destas famílias, surgem, muitas vezes, situações de maus-tratos (Alarcão, 2006).

No caso das crianças que experienciaram uma relação com os cuidadores principais marcada pelo abuso ou negligência, o seu desenvolvimento é influenciado pelo impacto, negativo, resultante destas experiências relacionais da infância.

### **Crianças em Risco e Perigo**

Uma vez que, o presente estudo se debruça sobre a temática das crianças em risco e das suas representações de família, apresenta-se como fundamental a definição dos conceitos de crianças em risco e perigo, assim como de maus-tratos a crianças e jovens e das tipologias, em si, compreendidas.

## Os conceitos de crianças em risco e perigo

O estatuto da criança enquanto sujeito de direito tem uma origem histórica recente. Ao longo do século XX e principalmente após a 2ª Guerra Mundial, este estatuto foi-se consolidando, muito devido ao contributo de documentos como a Declaração de Genebra sobre os Direitos da Criança (1924), a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) ou a Declaração dos Direitos da Criança (1959) (Comissão Nacional de Proteção das Crianças e Jovens em Risco - CNCJR, 2013). Em Portugal, o surgimento da primeira legislação específica no domínio da proteção da infância dá-se com a Implantação da República, momento a partir do qual, a proteção e assistência à infância passam, progressivamente, a ser considerados como dever público. A publicação da Convenção dos Direitos da Criança (elaborada pela ONU em 1989), ratificada por Portugal em 1990, marca o início de uma nova perspetiva dos Direitos da Criança que direcionou a reforma na legislação portuguesa, conduzindo ao modelo atual, cuja entrada em vigor ocorreu em 2001, com a publicação da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei nº 147/99) (Reis & Castro, 2011).

A definição clara da noção de risco tem-se apresentado como uma tarefa difícil. A palavra *risco*, surge pela primeira vez, no século XIV, na língua catalã e, posteriormente, no séc. XVI nas línguas latinas e, no séc. XVII nas línguas anglo-saxónicas, sendo utilizada para fazer referência à possível ocorrência de eventos futuros. O conceito começa a ser utilizado nas áreas da economia e da medicina, passando o seu uso a ser generalizado após a 2ª Guerra Mundial. O conceito de risco está muito associado à noção de probabilidade, já que pressupõe a ideia de incerteza, a possibilidade de ocorrência de resultados que possam ser tanto, positivos, como negativos, tanto favoráveis, como desfavoráveis (Hillesheim & Cruz, 2008). Werner & Smith (*cit. por* Melo & Alarcão, 2009) definem crianças e jovens em risco como sendo *“aqueles em cujas trajetórias desenvolvimentais é possível identificar um conjunto de factores de natureza constitucional e/ou ambiental que aumentam a probabilidade de desajustamento ou aparecimento de perturbações futuras.”* Por outro lado, podemos falar de *perigo*, quando a criança ou jovem está exposto a situações que podem afetar gravemente e de forma imediata, a sua integridade física e/ou psicológica. A legislação portuguesa considera um conjunto de situações nas quais a criança ou jovem está em perigo: estar abandonada ou viver entregue a si própria; sofrer maus tratos físicos ou psíquicos; ser vítima de abusos sexuais; não receber os cuidados ou a afeição adequados

à sua idade e situação pessoal; ser obrigada a atividades ou trabalhos excessivos /inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento; estar sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetam gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhe oponham de modo adequado a remover essa situação (art.º 3º da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo). Assim, as situações de risco implicam um perigo potencial, isto é, a probabilidade de surgir uma situação de perigo, pela colocação do indivíduo em relação com um conjunto de factores que a potenciem. Já o conceito de perigo, refere-se ao aparecimento de danos imediatos (Hillesheim & Cruz, 2008; Melo & Alarcão, 2009; CNCJR, 2013).

A manutenção ou agravamento de factores de risco pode conduzir a uma situação de perigo (em situações em que estão ausentes factores protetores), no entanto, nem todas as situações de perigo derivam de uma situação de risco anterior, já que, podem surgir após uma situação de crise aguda, como, por exemplo, a morte de um familiar (CNCJR, 2013). Face ao risco de maus-tratos, são desenvolvidas políticas proactivas e programas de prevenção do risco; já em situações de efetivo perigo, são aplicadas políticas reativas, no sentido da proteção intensiva.

### **O conceito maus-tratos infantis**

Para uma melhor compreensão dos conceitos de risco e perigo e da linha que os divide, é importante compreender a noção de maus-tratos infantis. Embora os maus-tratos contra crianças sejam uma realidade existente desde sempre, nem sempre foram pensados enquanto atitude violenta, uma vez que, nem sempre o período da infância foi considerado como etapa do desenvolvimento com características específicas. Foi apenas com a evolução do conceito de infância, iniciada no séc. XVIII, e sobretudo a partir da segunda metade do séc. XX, nas sociedades industrializadas, que a perspetiva sobre os maus-tratos foi progressivamente alterada. Assim, evolui-se de uma imagem da criança enquanto propriedade do adulto, para uma perspetiva que realça as características específicas desta fase de desenvolvimento, facto que não impede que as situações de maus-tratos continuem a ser uma realidade nos dias de hoje (Alberto, 2004; Scannapieco & Connell-Carrick, 2005; Azevedo & Maia, 2006).

Apesar desta evolução na forma de pensar a infância, é apenas com a publicação do artigo “*The battered-child syndrome*” (Kempe et al., 1962) que o interesse científico

nesta área começou a surgir. Até aos anos 70, a investigação estava centrada nos maus-tratos físicos, sendo que só uma década depois surgiram as primeiras definições de maus-tratos psicológicos e de negligência. É por esta época que se iniciam as investigações sobre o construto de mau trato, especialmente nos meios técnico e institucional. Mesmo após o foco dos investigadores na operacionalização dos construtos de mau trato e de negligência, estes continuam a apresentar pouco consenso, já que, as definições, para além de refletirem o sistema conceptual dos indivíduos, variam em função das diferenças socioculturais, o que faz com que o que é considerado mau trato em determinado grupo sociocultural pode ser considerada forma de disciplina socialmente aceite noutra (Calheiros & Monteiro, 2000).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (cit. pela Organização Mundial de Saúde - OMS, 2006), o mau trato à criança pode ser definido como

*“qualquer tipo de abuso físico e/ou emocional, abuso sexual, negligência ou tratamento negligente e exploração comercial que resulte em danos reais ou potenciais para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade da criança no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder.”*

Na mesma linha, as diversas definições encontradas na literatura (Alberto, 2004; Azevedo & Maia, 2006; Pereira & Santos, 2011) focam um sujeito recetor (a criança); um comportamento (a ação efetiva ou a ausência de ação); as repercussões no desenvolvimento (imediatas ou potenciais); e um responsável (a pessoa que tem a criança a cargo). Outros autores acrescentam ainda a não acidentalidade envolvida nos comportamentos realizados sobre as crianças (Martínez Roig & De Paúl, *cit. por* Azevedo & Maia, 2006; Direção Geral de Saúde, 2011; CNCJR, 2013). O conceito de maus-tratos a crianças é complexo e envolve várias dimensões. Chegar a uma definição do conceito e à delimitação das fronteiras entre as suas diversas dimensões apresenta-se como fundamental, quer para os técnicos, para a sinalização de casos e posterior intervenção, quer para a investigação nesta temática.

### **Tipologias de maus-tratos**

Num estudo sobre os significados particulares dos conceitos de mau trato e de negligência, a nível do senso comum, a nível técnico e a nível jurídico, que recorreu a entrevistas estruturadas, análise de relatórios técnicos e análise de decretos de lei do direito português, Calheiros & Monteiro (2000), obtiveram uma divisão do conceito em

quatro dimensões, organizados com base em atos parentais específicos, no caso do mau trato, e em omissões parentais específicas, no caso da negligência, dividindo-se, assim, em mau trato (físico e psicológico) e negligência (física e psicológica). Os *maus-tratos físicos* e os *maus-tratos psicológicos* pressupõem ações, conscientes, físicas ou psicológicas, por parte do cuidador, sobre a criança que resultam em consequências negativas no seu desenvolvimento. O primeiro caso engloba a utilização de técnicas disciplinares físicas, violentas e inadequadas, como método educativo, para além da agressão e violência física e do consumo de álcool e medicamentos. Já no caso dos maus-tratos psicológicos, falamos de ações conscientes dos prestadores de cuidados na relação afetiva e na socialização da criança que são desfavoráveis às suas necessidades de desenvolvimentos emocional, social e intelectual (Calheiros & Monteiro, 2000). Os maus-tratos psicológicos são a forma mais comum de mau trato, sendo identificado na literatura como aqueles que têm impacto mais destrutivo na criança (Pereira & Santos, 2011). A *negligência física* e a *negligência psicológica* pressupõem uma omissão, por parte do cuidador, sobre a criança, ao nível da não satisfação das suas necessidades físicas, emocionais e educacionais. No primeiro caso, falamos de omissões na supervisão relativamente à segurança e a não satisfação das necessidades de desenvolvimento físico da criança (ao nível da alimentação, saúde, higiene, etc.). No caso da negligência psicológica, falamos de falta de supervisão na organização da vida diária e escolar (Calheiros & Monteiro, 2000). Por fim, o *abuso sexual* pressupõe o envolvimento de uma criança numa atividade sexual, que não compreende completamente, para a qual não está preparado em termos do seu desenvolvimento, que não é capaz de dar consentimento informado ou que viola as leis ou proibições sociais (OMS, 2006). A definição dos conceitos acima referidos e a delimitação das várias tipologias de maus-tratos permite, assim, uma melhor compreensão sobre esta temática.

### **Representações de Família**

As experiências dos primeiros anos de vida influenciam o curso do desenvolvimento, não o determinando de forma linear, já que o desenvolvimento é o resultado da história cumulativa das interações entre o indivíduo e o contexto, ao longo do ciclo de vida. Os primeiros anos de vida são especialmente importantes, uma vez que, a forma como o indivíduo se adapta às experiências iniciais vai ter impacto na forma como se vai comportar perante experiências posteriores (Sroufe et al., 2010).

Uma forma de perspectivar o impacto das experiências iniciais é através da sua influência nas representações, isto é, a compreensão e as expectativas que o indivíduo tem do mundo social que o rodeia. Ao longo do desenvolvimento, o indivíduo constrói, progressivamente, representações mentais do *self* e dos outros, que são constituídas por conhecimentos e expectativas relativas às figuras de vinculação (em termos da sua acessibilidade e responsividade), e ao *self* em termos do seu valor próprio e capacidade de influenciar os outros. Estes modelos são construídos a partir das experiências de vinculação e da interpretação destas mesmas experiências. É no contexto das interações repetidas com as figuras de vinculação que o indivíduo organiza essas experiências sob a forma de representações sobre o *self*, sobre os outros e sobre as relações (Soares, 2007). Estas representações, fortemente constrangidas pelas experiências iniciais, são internalizadas, estruturando, em parte, as experiências futuras (Sroufe et al., 2010), e funcionam como guias para a sua interpretação e para a orientação dos comportamentos de vinculação; permitem ao sujeito antecipar o futuro e fazer planos; são mapas sobre o que pode ser esperado do próprio e dos outros, e que resultados surgirão de uma interação com uma nova pessoa (Waldinger et al., 2001). Em suma, permitem que os indivíduos interpretem e se comportem, perante novas experiências, de forma congruente com a história das experiências relacionais passadas. De forma cíclica, as experiências posteriores podem alterar estas representações, fornecendo novos guias para as experiências seguintes. Assim, as representações são modificadas e elaboradas ao longo do desenvolvimento, através das relações que a criança estabelece com a família, com os pares e com adultos fora da família, ao longo do ciclo de vida.

Assistimos, nos últimos anos, a um crescente interesse na área das percepções das crianças sobre o seu contexto social. As representações que a criança elabora sobre o mundo que a rodeia têm sido conceptualizadas por um lado, enquanto modelos de funcionamento interno (teoria da vinculação) e, por outro, enquanto esquemas mentais (abordagens sócio-cognitivas) (Bretherton, 1990). Comum a tais perspectivas teóricas, está a noção de que estas estruturas mentais influenciam as respostas emocionais e comportamentais das crianças em novas relações sociais (Shields et al., 2001). Os modelos de funcionamento interno concetualizados por Bowlby, fornecem à criança um quadro de referência para experienciar, interpretar e antecipar situações relacionais (Bretherton, 1989). Estes modelos de funcionamento interno desenvolvem-se durante o

processo de estabelecimento da relação de vinculação entre a criança e o seu principal cuidador, que tem início logo à nascença.

### **A relação de vinculação**

A relação de vinculação diz respeito a uma parte da relação entre a criança e o principal cuidador e à representação mental que a criança elabora sobre esta relação e desempenha um papel muito importante no desenvolvimento humano (Aldgate & Jones, 2006). Em termos biológicos, é um meio para a sobrevivência e uma forma de controlar a ansiedade (Howe, 2005). Quando nasce, o bebé já está equipado com um conjunto de sistemas comportamentais prontos para serem ativados por estímulos, entre eles os sistemas primitivos mediadores do choro, sucção, preensão e orientação, o sorriso, o balbuciar, o gatinhar e o andar (Bolwby, 1990). Estes comportamentos inatos emergem da necessidade de procurar segurança e proteção do perigo, através da proximidade a uma figura de vinculação. As crianças monitorizam o ambiente que as rodeia, procurando sinais de qualquer perigo e, caso se sintam ameaçadas, o sistema de vinculação é ativado, isto é, são ativados comportamentos de vinculação cujo objetivo é a procura da proteção por parte da figura de vinculação. Aquando do sentimento de proteção, este é desativado levando à diminuição da ansiedade sentida pela criança (Howe, 2005). Assim, a vinculação diz respeito aos comportamentos e emoções que ocorrem em situações de stress ou perigo percebido, em que a criança procura a proximidade de outro indivíduo visto como capaz de fornecer segurança (Aldgate & Jones, 2006). O comportamento de vinculação está intimamente ligado ao desenvolvimento, por um lado, da curiosidade e da exploração do ambiente por parte da criança e, por outro, do medo, isto é, em situações de medo a exploração do ambiente envolvente será diminuída ou suprimida, contrariamente a situações em que a criança se sente segura, em que a curiosidade e a exploração são ativadas (Aldgate & Jones, 2006).

### **Os modelos de funcionamento interno**

Autores da Teoria da Vinculação como Bowlby e Ainsworth, defendem que à medida que a criança se desenvolve e experiencia a forma como o principal cuidador responde aos comportamentos de vinculação e o que sente perante estas reações, começa a processar estas experiências a um nível cognitivo. Começa a formar representações mentais de si própria, dos outros e das relações, que dizem respeito às memórias, às experiências, aos sentimentos, aos resultados e aos conhecimentos que tem sobre o que habitualmente acontece nas relações, principalmente com as figuras de

vinculação e em momentos de necessidade (Aldgate & Jones, 2006; Howe, 2005). Bowlby denominou estas representações de *internal working models* (modelos de funcionamento interno), adotando o termo inicialmente proposto por Craik (1943), já que este sugere estruturas representacionais dinâmicas a partir das quais um indivíduo é capaz de fazer previsões, partindo de situações hipotéticas (Bretherton, 1990). A consolidação dos modelos de funcionamento interno decorre das interações repetidas entre a criança e a principal figura de vinculação. Estes modelos de funcionamento interno são fundamentais para compreender as situações, prever o futuro e planejar as ações (Bowlby, 1973). Estas representações são construídas com base: na forma como a criança espera que, quer o mundo físico, quer a figura de vinculação principal e as outras figuras de vinculação se comportem; na forma como se pode esperar que ela própria se comporte; e na forma como se pode esperar que as pessoas interajam entre si (Bowlby, 1990). São sistemas organizados hierarquicamente, sendo que os esquemas hierárquicos do *self*, do outro e das relações estão interligados entre si (Bretherton, 1990). Na formação destes modelos de funcionamento interno não só a história de interações com o principal cuidador tem influência, como também o atual contexto de interações familiares (Dubois & Moss, 2008). Os modelos de funcionamento interno estão relacionados com a forma como as figuras de vinculação são sensíveis e respondem, de forma coerente, às necessidades da criança; à sua disponibilidade para dar conforto à criança; à aceitação que têm da criança; e à facilitação da exploração do meio (Cassidy, 1988).

A função destes modelos é planejar o nosso comportamento numa situação relacional, assim como, interpretar e antecipar o comportamento do outro (Bretherton, 1990). O seu desenvolvimento é muito importante, por um lado, porque o seu principal objetivo é regular as emoções negativas (medo, stress, ansiedade) ativadas quando a criança se sente insegura; por outro, porque é através dos modelos de funcionamento interno que a criança desenvolve a perceção do seu valor próprio, isto é, a partir da forma como o adulto reage à criança, principalmente em situações de necessidade e de stress, esta forma uma representação de si enquanto amada ou não e merecedora de proteção ou não (Howe, 2005). Os modelos de funcionamento interno do *self* e da figura de vinculação tendem a ser complementares, isto é, se a criança experiencia uma relação com a principal figura de vinculação baseada na rejeição, o modelo interno do cuidador que rejeita, será complementado com um modelo interno de si, enquanto não só não

merecedor do amor da figura de vinculação, como essencialmente indesejada pelos outros. Já no caso inverso, o modelo interno do cuidador enquanto figura que confere apoio e segurança, será complementado com um modelo interno de si, enquanto merecedor desse amor e apoio e desejável pelos outros (Bowlby, 1973). As representações que as crianças elaboram em relação aos seus cuidadores serão relativamente estáveis ao longo do tempo (Oppenheim et al., 1997).

Assim, a qualidade das relações que a criança estabelece com a família durante a infância, influencia as suas trajetórias individuais e relacionais, já que tem um papel muito importante no seu desenvolvimento psicológico (Soares, 2007). O comportamento de vinculação não se restringe à infância, persiste ao longo de toda a vida, à medida que desenvolve relações com novas figuras de vinculação (Bowlby, 1990).

### **Estudo das Representações de Família de Crianças em Risco**

A teoria da vinculação postula que crianças que viveram relações abusivas ou negligentes com os seus principais cuidadores, desenvolvem representações negativas dos seus cuidadores, enquanto indisponíveis, não protetores e ameaçadores e representações igualmente negativas de si mesmas, enquanto não merecedoras de proteção, evidenciadas pelo desenvolvimento de uma vinculação insegura (George, 1996; Howe, 2005). As vivências de maus-tratos influenciam igualmente o desenvolvimento emocional e comportamental das crianças. Estudos com crianças em idade escolar, demonstraram que as crianças vítimas de maus-tratos apresentam mais problemas comportamentais, nomeadamente, maior agressividade (Kaufman & Cicchetti, 1989; Shields & Cicchetti, 1998), menor auto-estima e menor competência na relação com os pares (Kaufman & Cicchetti, 1989; Salzinger et al., 1993), para além de défices ao nível da regulação emocional, apresentando uma maior labilidade/negatividade emocional e expressões emocionais inapropriadas ao contexto (Shields & Cicchetti, 1998).

Para o estudo das representações mentais das crianças sobre si mesmas e sobre os outros, diversos autores têm recorrido à análise das narrativas produzidas através da conclusão de histórias. À medida que as crianças vão desenvolvendo a linguagem, torna-se cada vez mais importante aceder às suas representações do *self*, dos outros e

das relações. As técnicas de auto-relato dificultam o acesso a estas representações, na medida em que as crianças podem não querer partilhar as suas experiências de forma direta, especialmente nos casos em que estas experiências são negativas. Por outro lado, estas técnicas podem exigir competências conceptuais avançadas, que nem sempre estão ainda desenvolvidas (Buchsbaum et al, 1992 *cit. por* Toth, Cicchetti, Macfie, Maughan & Vanmeenen, 2000). O estudo das narrativas elaboradas pelas crianças ao completarem pequenas histórias, permite contornar estas questões (Toth, Cicchetti, Macfie, Maughan & Vanmeenen, 2000). Esta metodologia recorre a um conjunto de histórias, apresentadas através de figuras que representam uma família. Um exemplo é o *The MacArthur Story Stem Battery* (MSSB) (Bretherton, Oppenheim, Buchsbaum, Emde & MacArthurNarrativeGroup, 1990), um instrumento criado para crianças em idade pré-escolar, que utiliza pequenas histórias apresentadas pelo examinador com recurso a figuras representativas de uma família. Cada história é apresentada à criança, sendo-lhe proposto que a conclua. Para além de permitir aceder às representações internas das relações elaboradas pelas crianças, o MSSB pode também providenciar informação relativa ao contexto atual da criança, isto é, às experiências atuais com os cuidadores (Waldinger et al., 2001). A utilização deste tipo de instrumento permite o estudo do mundo representacional infantil, sendo as representações contidas nas narrativas das crianças concetualizadas como um reflexo da integração das experiências relacionais com os cuidadores, vividas no passado e no presente, e a forma como a criança aborda e responde a novos parceiros relacionais (Toth, Cicchetti, Macfie, Maughan & Vanmeenen, 2000).

Esta metodologia tem sido utilizada no estudo das representações parentais e de família, relacionadas com as relações de vinculação, a regulação comportamental e emocional, a competência nas relações sociais e o contexto familiar. Por exemplo, num estudo sobre as representações maternas, com crianças entre os 4 e os 5 anos, Oppenheim et al. (1997) demonstraram uma associação entre representações maternas mais positivas e de maior disciplina e um menor número de problemas comportamentais. Na mesma linha, num estudo longitudinal que pretendia avaliar de que forma é que o ambiente familiar e as representações parentais eram preditivos de forças ou dificuldades ao nível emocional e comportamental, com crianças entre os 5 e os 6 anos, Stadelmann et al. (2007) demonstraram que as representações que as crianças têm das suas figuras parentais predizem os seus problemas comportamentais e o seu

comportamento pro-social um ano depois. Ou seja, representações parentais negativas (cuidadores enquanto severos e inconsistentes) estavam associadas a problemas comportamentais e eram preditivas do seu aumento no ano seguinte, e representações parentais positivas (cuidadores enquanto afetuosos e apoiantes) surgiam associadas ao comportamento pro-social e eram preditivas do seu aumento no ano seguinte.

A literatura tem também apoiado a hipótese de que as percepções que as crianças têm do seu contexto familiar influenciam o impacto que os eventos familiares têm no seu desenvolvimento (Stadelmann et al. 2010). Por exemplo, num estudo longitudinal que examinou o efeito da separação dos pais nos problemas emocionais e comportamentais de crianças em idade pré-escolar, Stadelmann et al. (2010) demonstraram o efeito moderador das representações da relação parental no impacto que a separação dos pais tem no desenvolvimento de problemas comportamentais.

Estes estudos demonstram, pois, a influência das representações de família no desenvolvimento, principalmente ao nível da regulação emocional e comportamental. As representações dos cuidadores, formadas a partir das relações na infância, definem o papel social do *self* e dos outros nas relações, assim como influenciam as expectativas da criança quanto às relações futuras. Dadas as experiências parentais negativas vividas pelas crianças maltratadas, as suas narrativas tendem a refletir a internalização destas experiências (Toth, Cicchetti, Macfie, Roghsch & Maughan, 2000).

Diversos estudos compararam amostras de crianças que experienciaram maus-tratos com amostras normativas, principalmente em idade pré-escolar, obtendo evidência da influência das representações de família e do *self* no desenvolvimento e na adaptação psicológica infantil. Por exemplo, Toth, Cicchetti, Macfie & Emde (1997) administraram o *the MacArthur Story Stem Battery* com o objetivo de avaliar as representações maternas e do *self*, numa amostra de crianças maltratadas e não maltratadas, com idade pré-escolar. Os autores demonstraram que as crianças maltratadas têm mais representações negativas de si e das mães, em comparação com a amostra de controlo. Mais, apresentaram uma maior tentativa em controlar a situação e menor responsividade ao examinador que, segundo os autores, se deve à forma como abordam as novas relações, generalizando os modelos representacionais negativos formados a partir da relação com os cuidadores (Toth et al., 1997). Posteriormente, num estudo longitudinal com 93 crianças em idade pré-escolar (com e sem experiência de maus-tratos), com uma média de 3,8 anos, avaliadas em dois momentos diferentes (com

distância de um ano), Toth, Cicchetti, Macfie, Maughan & Vanmeenen (2000), avaliaram as representações das crianças em relação aos seus cuidadores e a si mesmas. Recorrendo ao *Attachment Story-stem Completion Task* (um instrumento consistente com o *the MacArthur Story-stem Battery*), os autores demonstraram, de novo, o impacto dos maus-tratos nas representações que as crianças elaboram sobre o *self* e sobre os cuidadores. Ao longo do tempo, as crianças maltratadas apresentaram menos representações positivas dos cuidadores e mais representações negativas dos cuidadores e de si mesmas em comparação com a amostra de controlo. Um outro dado interessante encontrado nesta investigação foi a conjugação entre uma representação negativa e uma representação idealizada do *self*, saliente nas narrativas das crianças maltratadas. Os autores apoiam-se na literatura para defender que estes dados sugerem um estilo de vinculação desorganizado com múltiplos e incompatíveis modelos do *self* (Toth et al., 2000). Em linha com estes estudos, Waldinger et al. (2001), numa investigação com crianças em idade pré-escolar, avaliaram a predominância de temas específicos nas narrativas de crianças vítimas de abuso físico, abuso sexual e negligência. Encontraram evidências de que as crianças maltratadas expressaram imagens negativas de si mais frequentemente que as crianças da amostra de controlo. Também Shields, Ryan & Cicchetti (2001), compararam crianças que experienciaram situações de maus-tratos com crianças da amostra de controlo, num estudo sobre as representações parentais e a sua influência nas relações com os pares. Os autores demonstraram que as crianças que experienciam situações de maus-tratos têm representações dos seus cuidadores mais negativas (resultados mais elevados em dimensões como a punição física e a coerção emocional como forma de exercer controlo sobre a criança) e menos positivas/coerentes (resultados menos elevados em dimensões como a responsividade parental e a valorização da autonomia) do que as das crianças da amostra de controlo. Os autores demonstraram ainda uma associação entre as representações parentais não adaptativas e a desregulação emocional e a rejeição pelos pares, assim como entre as representações positivas e os comportamentos pro-sociais e relações adaptativas com os pares (Shields et al., 2001).

Outros autores compararam amostras com as mesmas características, mas com objetivos um pouco diferentes. McCrone, Egeland, Kalkoske & Carlson (1994) recorreram a uma metodologia semi-projetiva, onde era pedido a crianças em idade escolar, que elaborassem histórias, partindo de imagens estímulo. Da comparação entre

crianças com e sem história de maus-tratos, os autores encontraram evidências de que: as crianças maltratadas elaboravam histórias caracterizadas por expectativas interpessoais mais negativas; mostravam mais dificuldades na relação com os pares; revelavam estratégias extremas para a resolução de conflitos (apresentavam histórias em que os conflitos continuavam e a negatividade não era resolvida ou apresentavam histórias com soluções irrealistas); e evidenciavam preocupação com temas negativos ou problemáticos (McCrone et al., 1994). Num estudo com crianças em idade pré-escolar, Toth, Cicchetti, Macfie, Roghsch & Maughan (2000), demonstraram que as narrativas das crianças maltratadas continham um maior número de temas de conflito e um menor número de temas morais-afiliativos, para além de evidenciarem mais problemas comportamentais de internalização e externalização, mostrando a influência das experiências de maus-tratos nas representações e nos problemas comportamentais (Toth et al., 2000). Macfie et al. (1999), num estudo com crianças em idade pré-escolar, sobre as representações das respostas parentais ao stress, demonstraram que as crianças maltratadas representam os cuidadores e outras crianças como respondendo menos frequentemente para atenuar as situações de stress, comparativamente às crianças da amostra de controlo. As crianças vítimas de abuso (sexual, físico ou ambos) e as crianças negligenciadas, representaram os seus cuidadores como menos responsivos perante situações de stress. As crianças negligenciadas tendiam a elaborar narrativas referentes a outras crianças presentes nas histórias, representando-as, igualmente, como menos responsivas na diminuição das situações de stress. Um dado interessante encontrado neste estudo foi a maior ocorrência, no grupo das crianças maltratadas, de narrativas em que estas se incluíam a si mesmas na história com o objetivo de atenuar o stress das personagens infantis aí incluídas. Estes dados foram mais relevantes junto das crianças vítimas de abuso do que das negligenciadas. Esta dificuldade em separar a realidade da ficção, segundo os autores, deve-se ao facto de, as crianças vítimas de abuso representarem os pais enquanto pouco responsivos, mas as crianças enquanto capazes de responder a situações de stress, logo construindo uma narrativa em que são elas próprias quem deve intervir para atenuar o stress de qualquer outra criança; já no caso das crianças negligenciadas, nem os pais nem outras crianças são representadas enquanto suscetíveis de responder ao stress, levando a que estas cresçam relativamente passivas no que diz respeito ao stress de outras crianças (Macfie et al., 1999).

Para além do estudo das narrativas elaboradas a partir da conclusão de histórias, o estudo das representações de família tem recorrido ao *Desenho da Família* e ao *Kinetic Family Drawing* (Burns and Kaufman, 1970, 1972), enquanto instrumentos para aceder ao mundo representacional infantil. Este tipo de instrumentos é importante para identificar que indivíduos são relevantes, no sentido negativo e positivo, para a criança. Ao incluir-se no desenho da família, o seu desenho pode transmitir bastante informação sobre as relações no seio familiar, como o conflito familiar (Veltman & Browne, 2001). Autores da teoria da vinculação propuseram que os desenhos elaborados pelas crianças possam ser interpretados enquanto representações das suas experiências, nomeadamente das experiências relacionais com os cuidadores na infância (Shiakou, 2012). Recorrer ao desenho tem como vantagens permitir à criança expressar a sua perspetiva e os seus sentimentos em relação à família de forma mais livre e sem ter de recorrer à verbalização (Shiakou, 2012). Esta técnica pode ajudar a compreender o stress emocional experienciado pelas crianças vítimas de maus-tratos (Piperno et al., 2007). O *Desenho da Família* permite investigar a relação que a criança tem com as figuras parentais e com outros elementos da família (Piperno et al., 2007). Apesar da sua utilidade, quer na investigação, quer a nível terapêutico, as interpretações dos desenhos devem ser feitas com cautela.

Os estudos que recorreram aos desenhos da família com amostras de crianças vítimas de maus-tratos são escassos e com resultados maioritariamente inconclusivos (Shiakou, 2012). Num estudo com crianças entre os 5 e os 10 anos, cujo objetivo era comparar uma amostra de crianças vítimas de maus-tratos com uma amostra normativa, Piperno, Biasi & Levi (2007), encontraram evidências de que as crianças vítimas de abuso físico revelam uma maturidade gráfica inferior à esperada para a idade. Um outro dado relevante encontrado nesta investigação foi a omissão das figuras parentais nos desenhos das crianças vítimas de abuso físico (67%) e nos desenhos das crianças vítimas de abuso sexual (42%). Os autores concluíram, partindo destes dados, que as crianças que experienciam situações de maus-tratos expressam, nos seus desenhos, um grande stress emocional, que claramente se diferencia dos desenhos das crianças da amostra normativa (Piperno et al., 2007).

Da presente revisão de literatura, é possível destacar, para além da influência das representações do *self*, dos outros e das relações no desenvolvimento das crianças, as

diferenças encontradas pelos diversos estudos entre os grupos de crianças maltratadas e não maltratadas. No primeiro grupo de crianças, podemos destacar um maior número de representações negativas dos cuidadores e de si mesmas; uma maior predominância de temas de conflito nas suas narrativas; dificuldades na relação com os pares e expectativas interpessoais mais negativas; menor responsividade perante situações de stress; e evidência de indicadores de stress emocional presentes nos desenhos da família.

Funcionando as representações do *self*, dos outros e das relações como mapas sobre o que se pode esperar de uma situação relacional, estas representações mais negativas, quer de si própria, quer dos seus cuidadores, podem conduzir a que a criança aborde as novas interações de forma não adaptativa, baseada nos modelos de interação abusivos ou negligentes com as principais figuras de vinculação.



## 2. Metodologia

---

### Desenho da Investigação<sup>1</sup>

Tendo em conta que se pretendia explorar as representações de família de crianças, partindo das suas narrativas, recorreu-se a uma abordagem qualitativa, dado que esta permite o acesso a uma compreensão mais detalhada de um determinado processo ou experiência (Bazeley, 2007).

### Questão Inicial

A presente investigação, partiu da seguinte questão inicial: *Quais as representações de família de crianças sinalizadas às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens? São diferentes das representações de família de crianças em situação familiar normativa?*

### Objetivos

Constituem objetivos do presente estudo:

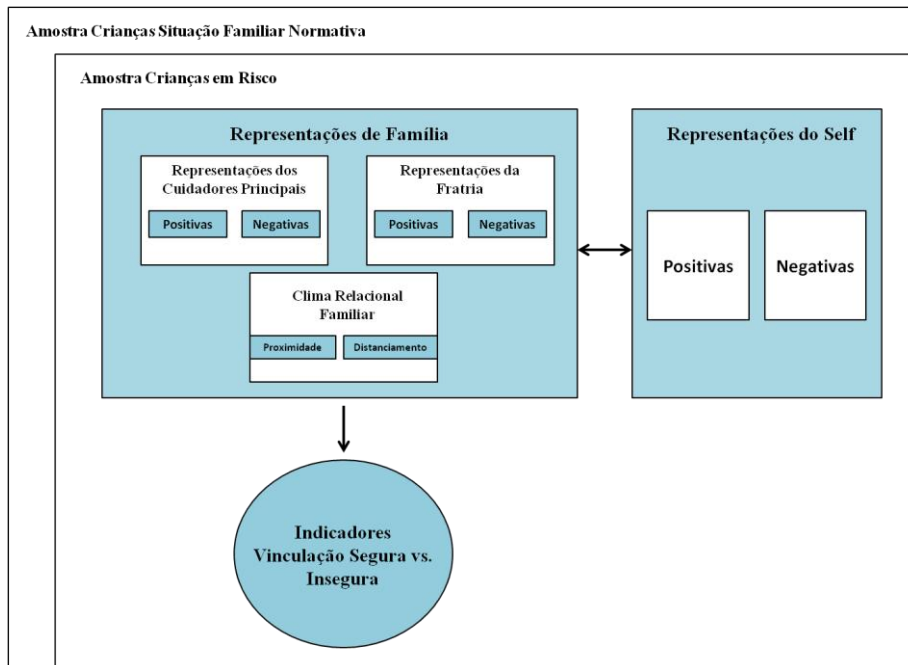
- 1) Compreender se existem especificidades nas representações de família de crianças sinalizadas às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens.
- 2) Compreender e comparar, nas amostras em estudo, as representações de família das crianças relativamente: à qualidade da relação com os cuidadores principais; à relação com a fratria; ao clima relacional familiar.
- 3) Compreender e comparar, nas amostras em estudo, as representações do *self* das crianças.
- 4) Identificar e comparar, nas amostras em estudo, indicadores de vinculação segura vs. insegura às figuras parentais.
- 5) Analisar 1., 2. e 3. considerando a variável sexo.
- 6) Testar a adequação da grelha de codificação do *The MacArthur Story Stem Battery* (Bretherton et al., 1990) – *MacArthur Narrative Coding Manual*, tal como proposta por Robinson, Mantz-Simmons, MacFie, Kelsay & the *MacArthur Narrative Working Group* (2001).

---

<sup>1</sup> A presente investigação está incluída num projeto de doutoramento a ser realizado pela psicóloga Andreia Baptista no âmbito do programa de Doutoramento em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa com a temática “*Adaptação e Desenvolvimento Psicológico de Crianças em Contextos de Vulnerabilidade*”.

## Mapa Concetual

Apresenta-se, em seguida, uma representação gráfica que pretende ilustrar as diferentes variáveis em estudo e a relação entre elas, procurando obter uma mais clara compreensão das mesmas.



**Figura 1** - Mapa conceitual das variáveis em investigação

## Questões de Investigação

Pretendendo dar resposta aos objetivos apresentados para este estudo, desenvolveram-se as seguintes questões de investigação:

- Existem especificidades nas representações de família das crianças sinalizadas às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens?*
- De que forma as crianças, das amostras em estudo, percecionam a qualidade da relação com os cuidadores principais?*
- De que forma as crianças, das amostras em estudo, percecionam o clima relacional familiar?*
- De que forma as crianças, das amostras em estudo, percecionam a relação com a fratria?*
- De que forma as crianças, das amostras em estudo, percecionam a relação de vinculação aos cuidadores principais?*

- f) *Existem especificidades nas representações do self das crianças sinalizadas às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens?*
- g) *A variável sexo está relacionada com as representações de família e com as representações do self?*
- h) *Será adequada a grelha de codificação do The MacArthur Story Stem Battery (Bretherton et al., 1990) – MacArthur Narrative Coding Manual, tal como proposta por Robinson, Mantz-Simmons, MacFie, Kelsay & the MacArthur Narrative Working Group (2001)?*

## **Estratégia Metodológica**

### **Caracterização da Amostra**

A presente investigação inclui uma amostra de conveniência, constituída por 20 crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos. Os participantes da amostra foram subdivididos em duas subamostras: um primeiro grupo constituído por crianças sinalizadas às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) (subamostra de crianças em risco - CR); e um segundo grupo constituído por crianças em situação familiar normativa, sem historial de sinalização às CPCJ, ou qualquer referência a exposição prévia ou atual a situações de risco (subamostra de crianças em situação familiar normativa - CN). Das 20 crianças que participaram na investigação, 10 pertencem à subamostra CR (50%) e 10 à subamostra CN (50%). Em termos da distribuição dos sexos, a amostra está dividida de forma igualitária, sendo 50% dos indivíduos do sexo feminino e os restantes 50% do sexo masculino. Em relação à distribuição por grupos, a subamostra de crianças em risco (CR) contou com a participação de cinco raparigas (50%) e de cinco rapazes (50%). Também a subamostra de crianças em situação familiar normativa (CN) contou com a participação de cinco raparigas (50%) e cinco rapazes (50%). A idade média dos participantes nas duas subamostras foi ligeiramente diferente: 8,9 na subamostra CR (desvio-padrão 1,10) e 9,6 na subamostra CN (desvio-padrão 1,71).

No que diz respeito à escolaridade, na subamostra CR, a média de anos de escolaridade é de 3,1 (desvio-padrão 1,10) e na subamostra CN este valor é de 4,5 (desvio-padrão 1,65), podendo este valor estar relacionado com a diferença de idades nas duas subamostras. Relativamente à etnia, na amostra CR, cinco crianças são de etnia caucasiana e as restantes cinco são de etnia africana. Já na amostra CN, todas as

crianças são de etnia caucasiana. No que se refere à área de residência dos indivíduos da amostra, todos pertencem à zona centro sul.

Em relação à constituição das fratrias, existe uma diferença considerável entre as subamostras: na subamostra CN, quatro crianças são filhos(as) únicos(as), cinco crianças têm um irmão e apenas uma criança tem dois irmãos. Já na subamostra CR, apenas uma criança não tem irmãos, duas têm um irmão, cinco têm dois irmãos, uma tem três irmãos e uma tem quatro irmãos. No que respeita à estrutura do agregado familiar, existe, igualmente, uma diferença marcada entre as subamostras: na subamostra CN, a maioria (oito crianças) faz parte de famílias nucleares intactas e apenas duas fazem parte de famílias reconstituídas. Já na subamostra CR, apenas uma criança está incluída numa família nuclear intacta, sendo que cinco fazem parte de famílias de coabitação monoparental feminina e quatro de famílias reconstituídas. Em relação aos motivos de sinalização às CPCJ das crianças da subamostra CR, encontramos como principal motivo a negligência, em oito casos (sendo que dois deles se reportam a situações de reunificação familiar), seguido dos maus-tratos físicos (dois casos).

## **Instrumentos**

### ***Questionário de Dados Biográficos***

Uma vez que o presente estudo está inserido no projeto de doutoramento acima citado, foi aplicado, às crianças da amostra em estudo, um questionário de dados biográficos (*Apêndice I*) composto por uma primeira parte onde constavam os dados demográficos e uma segunda parte cujo objetivo era recolher dados biográficos. Para o presente estudo, foram utilizados os dados demográficos e os dados referentes ao processo de sinalização às CPCJ.

### ***The MacArthur Story Stem Battery***

O *MacArthur Story Stem Battery* (MSSB) (Bretherton, Oppenheim, Buchsbaum, Emde & MacArthurNarrativeGroup, 1990) é um instrumento criado para crianças em idade pré-escolar, que recorre a breves inícios de histórias, apresentados pelo examinador, com recurso a figuras representativas de uma família. O objetivo deste instrumento é fazer emergir um conjunto de narrativas relativas a temas como as relações familiares (pais-criança; conflito conjugal; conflito entre a fratria; vinculação),

o desenvolvimento moral e a competência. O que se pretende é aceder à compreensão e às representações das crianças sobre o seu mundo sócio-emocional.

Utiliza-se um conjunto de figuras representativas de uma família (peças de brincar), que devem ser realistas e flexíveis (com os membros superiores e inferiores dobráveis) e que consigam permanecer em pé, para que a criança as possa manipular mais facilmente. É também utilizado um conjunto de peças de mobiliário e uma caixa retangular para representar o carro da família. As figuras não devem ter demasiados pormenores para que não sejam elementos distrativos para a criança. O conjunto de personagens e as peças de mobiliário que intervêm em cada história são definidos pelos autores. As personagens que intervêm nas histórias são: a mãe; o pai; a avó; uma criança do mesmo sexo da criança a ser entrevistada; outras crianças que representem os irmãos e amigos; um cão da família. Não obstante, a constituição familiar é ajustada à realidade da criança, i.e., os elementos da fratria são adequados ao número real de irmãos.

O instrumento é constituído por 14 histórias, para além de uma primeira história que funciona como “quebra-gelo”. Na presente investigação, foram utilizadas apenas 7 histórias (*Apêndice II*), cuja escolha está relacionada com os objetivos da investigação: “*Sumo entornado*”, cuja temática principal é a representação dos pais enquanto figura de vinculação e/ou figuras de autoridade em resposta a uma transgressão por parte da criança, para além da reparação do erro; “*Cão perdido/reunião com o cão*”, que aborda temas de vinculação; “*Três é uma multidão*”, cuja temática é o conflito entre a lealdade a um amigo vs. lealdade a um irmão e a resolução de conflitos; “*Molho quente*”, que diz respeito à desobediência a uma regra e à resposta dos pais enquanto figuras de vinculação/autoridade; “*Partida/reunião*”, que explora temas de vinculação, “*Mestria/orgulho*”, que se centra na competência da criança e na reação parental.

O MSSB não foi desenvolvido enquanto instrumento estandardizado, no entanto, os autores elaboraram um conjunto de instruções estandardizadas para a sua aplicação. No início da aplicação do instrumento, é fundamental que o examinador estabeleça uma relação positiva com a criança entrevistada. De seguida, cada início de história é apresentado à criança, pelo examinador, sendo-lhe proposto que a conclua. Apesar de cada uma das histórias ter sido criada com um tema ou dilema em particular, a natureza aberta da tarefa permite que a criança a complete de forma coerente abordando mais do que um tema (Bretherton, & Oppenheim, 2003)

A validade do paradigma do desenvolvimento de narrativas através da conclusão de histórias tem sido demonstrada pela sua utilização eficaz junto de amostras de crianças, em idade pré-escolar, que experienciaram situações de maus-tratos e em crianças não maltratadas (Macfie et al., 1999; Toth et al., 1997).

A aplicação do instrumento foi gravada em formato áudio, sendo, de seguida, transcritas as narrativas das crianças, para posterior análise do seu conteúdo.

### ***Desenho da Família***

O *Desenho da Família* (Corman, 1982) é um teste de personalidade que pode ser interpretado com base nas leis da projeção. É um teste de administração fácil que exige apenas um espaço adequado (com uma mesa e cadeiras), uma folha de papel e um lápis. Apresenta como vantagens, para além da rápida administração, a grande aceitação por parte das crianças e a sua possível aplicação a partir dos 5 ou 6 anos.

O examinador começa por explicar brevemente à criança que se vai pedir que faça um desenho, tranquilizando-a, se necessário, relativamente às suas aptidões para a tarefa. De seguida, é distribuído um lápis de carvão e uma folha de papel A4. No momento seguinte, o examinador dá a instrução da tarefa: *Imagina uma família e desenha-a*. O examinador deve estar atento ao processo de realização do desenho e ao seu produto final, registando o lado da folha escolhido pela criança para iniciar o desenho e qual a ordem pela qual desenha cada personagem, bem como o tempo que leva a desenhar cada uma delas. É importante, também, estar atento aos comportamentos verbais e não-verbais durante a prova.

Após a conclusão do desenho, é pedido à criança que caracterize as personagens: quem são e que idade têm. De seguida, coloca-se um conjunto de questões à criança acerca das personagens presentes no desenho (*Apêndice III*). Por fim, pergunta-se à criança: *Se tu fizesses parte desta família quem serias tu?*, a fim de perceber qual a personagem com a qual a criança se identifica.

À semelhança do MSSB, foram transcritas as narrativas elaboradas após a conclusão do *Desenho da Família*, para posterior análise do seu conteúdo. Contudo, foram apenas alvo de análise as questões relativas à figura de identificação e à tendência positiva (maior generosidade e mais feliz) e tendência negativa (menor generosidade e menos feliz) da narrativa e a observação do tipo de família representado e de figuras familiares omissas. A opção por uma análise limitada destes dados, prendeu-se com o

facto de se considerar necessária uma formação específica aprofundada sobre a análise do *Desenho da Família* para uma interpretação rigorosa dos dados.

### **Procedimentos de Recolha de Dados**

Com o objetivo de recolher os dados para a amostra de crianças em situação de risco, foi, em primeiro lugar, enviado um pedido de colaboração (*Apêndice IV*) ao Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental (CAFAP) da Associação NÓS, no Barreiro e ao CAPAP “Com Vida”, do Centro Social de Palmela. A opção do pedido de colaboração a estas instituições deveu-se à maior facilidade de acesso e resposta das mesmas e ao facto de a maioria das crianças sinalizadas a estes serviços estarem também sinalizadas às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens. No caso da presente amostra, todas as crianças estavam sinalizadas a uma das CPCJ (do Barreiro, da Moita ou de Palmela) e, também, a um dos CAFAP (Barreiro ou Palmela). Depois de obtida uma resposta positiva por parte destas instituições, foram contactadas as famílias das crianças a integrar a subamostra de crianças em risco (CR), tendo ocorrido uma breve explicação (pessoalmente ou através de contacto telefónico), ao adulto responsável pela criança, dos objetivos do estudo e das condições de participação no mesmo. As crianças em situação familiar normativa (CN) foram convidadas a colaborar no estudo através de um contacto inicial junto do adulto responsável (pessoalmente ou através de contacto telefónico), onde foram, igualmente, fornecidas todas as informações necessárias. Após a autorização dada pelo adulto responsável pela criança, foram agendadas as sessões para aplicação dos instrumentos.

A aplicação dos instrumentos ocorreu em sessões individuais. Em primeiro lugar, foram explicados os objetivos e condições de participação no estudo ao adulto responsável pela criança. De seguida, foi preenchido o Consentimento Informado (*Apêndice V*) e o Questionário de Dados Biográficos. Foi requerida autorização para a gravação áudio da aplicação dos instrumentos. Após este momento inicial, iniciou-se a administração dos instrumentos, individualmente, com cada criança. O espaço escolhido para o efeito foi variável, tendo em conta a importância de ser um espaço silencioso, com iluminação e mobiliário adequado, evitando-se (sempre que possível) as interrupções por terceiros. A aplicação dos instrumentos teve uma duração de 90 a 180 minutos (divididos em sessões de 60 minutos). Esta variação na duração das aplicações esteve relacionada com as características da própria criança, tendo em conta o nível de

cansaço apresentado pela criança, assim como a sua capacidade de atenção e resposta às tarefas propostas.

### **Procedimentos de Análise de Dados**

Procedeu-se a uma análise qualitativa dos dados, com recurso ao *software* de análise de dados NVIVO10. A aplicação dos instrumentos foi gravada em formato áudio e, posteriormente, transcrito o seu conteúdo. Para a análise do conteúdo das narrativas produzidas durante a realização do *Desenho da Família*, foram consideradas apenas as questões relativas à figura de identificação e à tendência positiva (maior generosidade e mais feliz) e tendência negativa (menor generosidade e menos feliz) da narrativa e a observação do tipo de família representado e de figuras familiares omissas. No caso do MSSB, foram consideradas algumas das categorias prévias definidas por uma das normas de cotação do próprio instrumento, o *MacArthur Narrative Coding Manual* (Robinson, Mantz-Simmons, MacFie, Kelsay & the MacArthur Narrative Working Group, 2001), bem como categorias emergentes dos próprios dados. Foi elaborada uma nova árvore de categorias, dividida nas categorias ***Vinculação Segura – Indicadores*** e ***Vinculação Insegura – Indicadores***. Para esta nova árvore de categorias foram selecionadas categorias referentes a fatores potenciadores de uma vinculação segura ou insegura aos cuidadores. Assim, a categoria ***Vinculação Segura – Indicadores*** é composta pelas categorias: representações positivas dos cuidadores; clima relacional familiar – proximidade afetiva; práticas parentais – controlo comportamental – estratégias indutivas; práticas parentais – aceitação parental. E a categoria ***Vinculação Insegura – Indicadores*** é composta por: representações negativas dos cuidadores; clima relacional familiar – distanciamento afetivo; clima relacional familiar – hostilidade; práticas parentais – controlo psicológico; práticas parentais – controlo comportamental – estratégias coercivas; práticas parentais – rejeição parental.

Apresentamos, de seguida (Quadro 1), as categorias principais e as categorias de segundo nível que constituem a árvore de categorias do presente estudo<sup>2</sup>. De todas as categorias definidas previamente, apenas as que a seguir se apresentam, foram consideradas para a análise dos dados. Para esta, foi realizada uma análise percentual das categorias, partindo das contagens de referências. No capítulo de apresentação dos

---

<sup>2</sup> Para uma análise da árvore de categorias completa, consultar *Apêndice VI*.

resultados, no caso das categorias do *The MacArthur Story Stem Battery* e nas categorias dos indicadores de vinculação, serão expressas contagens de percentagens para as categorias principais, e contagens de referências para as categorias dos níveis seguintes. No caso das categorias do *Desenho da Família*, não serão consideradas as referências, mas sim o número de crianças.

**Quadro 1 - Árvore de Categorias**

<b>Árvore de Categorias</b>
<b>MacArthur Story Stem Battery</b>
<b>Conteúdo Narrativa</b>
Conflito Interpessoal
Processo Resolução Problema
Emoções Positivas
Emoções Negativas
Perigo
Agressividade Desregulada
<b>Coerência Narrativa</b>
Coerente
Incoerente
<b>Responsividade Examinador</b>
Responde quando Questionada
Envolvimento
<b>Representações Relações Familiares</b>
Representações Fratria
Representações Cuidadores Principais
Clima Relacional Familiar
<b>Representações Self</b>
Positivas
Negativas
<b>Desenho da Família</b>
<b>Conteúdo</b>
Tendência Positiva
Tendência Negativa
<b>Tipo</b>
Equivalente

Alterada
<b>Figura Identificação</b>
Próprio
Outro
<b>Vinculação Segura – Indicadores/Facilitadores</b>
Representações Positivas Cuidadores
Clima Relacional Familiar - Proximidade Afetiva
Estratégias Indutivas (Parentais)
Aceitação Parental
<b>Vinculação Insegura – Indicadores/Facilitadores</b>
Representações Negativas Cuidadores
Clima Relacional Familiar - Distanciamento Afetivo
Clima Relacional Familiar - Hostilidade
Controlo Psicológico (Parental)
Estratégias Coercivas (Parentais)
Rejeição Parental

### 3. Resultados

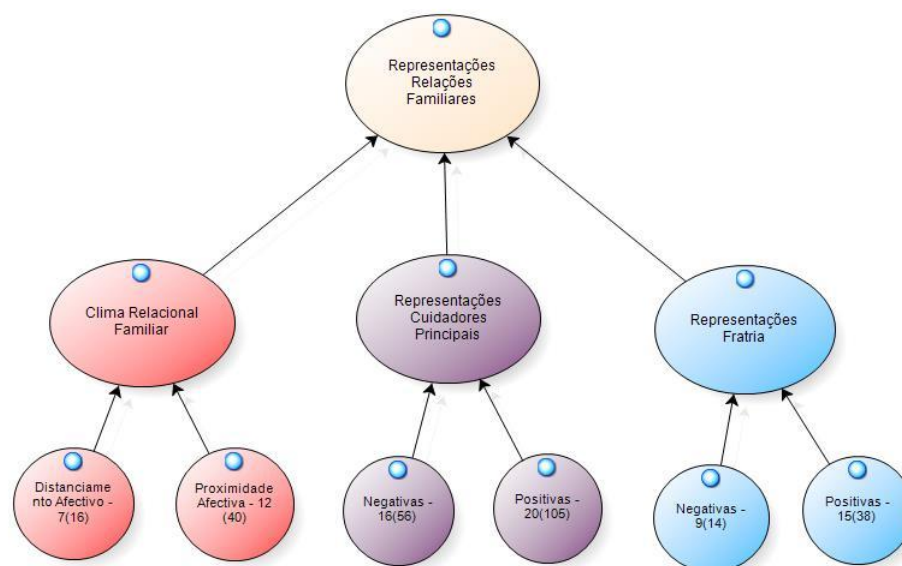
No presente capítulo, apresentaremos os resultados obtidos, partindo da análise qualitativa das narrativas elaboradas pelas crianças das amostras em estudo, a partir da aplicação dos instrumentos acima citados (*Apêndice VII*). Os resultados de seguida apresentados têm como objetivo dar resposta às questões de investigação.

Foi realizada uma análise de conteúdo das narrativas expressas pelos participantes que será apresentada nesta secção. As categorias principais encontram-se representadas a *negrito*, as subcategorias dentro das categorias principais encontram-se em *itálico*, e os excertos das entrevistas escolhidos encontram-se em *itálico*. Estarão também referidas, entre parênteses, as percentagens em que cada subcategoria é referida pelos participantes.

#### The MacArthur Story Stem Battery

Os resultados analisados neste primeiro ponto, dizem respeito às narrativas elaboradas pelas crianças, a partir da aplicação do *The MacArthur Story Stem Battery*. Nos excertos apresentados, foram omitidos os inícios das histórias, apresentados pelo examinador. Estes podem ser consultados no *Apêndice II*.

#### Representações das Relações Familiares



**Figura 1** – Categorias Representações Relações Familiares

### ***Representações dos Cuidadores Principais***

Analisando as ***Representações dos Cuidadores Principais*** (Figura 3), e partindo de uma comparação intergrupar, as crianças sinalizadas às CPCJ (amostra de crianças em risco - CR) apresentam representações mais *Negativas* dos cuidadores principais (66,07%) do que as crianças em situação familiar normativa (CN) (33,93%). Em relação às representações *Positivas* dos cuidadores principais, estas predominam na amostra CN, embora aqui, a diferença entre grupos seja ligeira.

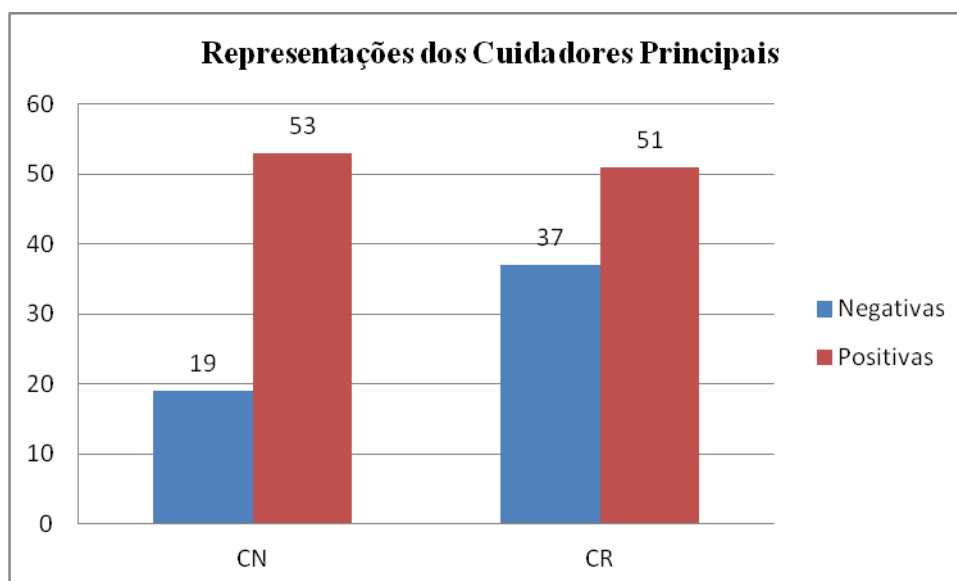
*“História nº 5 – “Molho quente” - Agora, foi, foi parar ao hospital. Depois do hospital foi para o carro. A mãe ainda estava a conversar com os vizinhos. Depois, o fogão já estava desligado e ele voltou a mexer. Mas desta vez, levou o tacho para a mesa e depois sentou-se a comer.(E o que é que eles vão fazer em relação à mão magoada?) Ele já está curado. (Foi ao hospital e curou-se é isso?) Sim. Passado 30 semanas. (E aconteceu mais alguma coisa nesta história?) Não.” (G., CR)*

Analisando as ***Representações dos Cuidadores Principais*** dos indivíduos do sexo feminino e dos indivíduos do sexo masculino, e partindo de uma comparação intragrupal, os indivíduos do sexo feminino apresentam um maior número de referências a representações *Positivas* dos cuidadores (66,29%), assim como os indivíduos do sexo masculino também apresentam um maior número de referências a representações *Positivas* dos cuidadores (63,38%).

Podemos observar que na amostra CR, os indivíduos do sexo masculino apresentam um maior número de referências a representações *Negativas* (69,23%), assim como os indivíduos do sexo feminino, que referiram mais vezes os cuidadores de forma *Negativa* (63,33%). Já na amostra CN, predominam as referências a representações *Positivas* dos cuidadores (nos indivíduos de ambos os sexos), embora esta diferença não seja marcada. Estes resultados sugerem que as representações dos cuidadores, nas amostras em estudo, são independentes da variável sexo.

*“História nº 11 – “Mestria/Orgulho” - (Sobe e cai) “Maria estás bem?” (perguntam os irmãos) “Ai a minha mão e o meu pé e o meu joelho.” “Maria o que é que eu te disse?! Deves estar um bocadinho surda, eu já te disse para não fazeres disparates! Naquele dia foi o fogão, no outro dia foi a mão... Foi muitas coisas que te aconteceram e eu não sei o que é que eu te vou dizer. Ai meu Deus, tu e as tuas palhaçadas.” “Mas ó mãe da Maria você devia ajudar a Maria.” Diz*

a Marta. “Mas acha que eu devia ajudar a Maria?! Eu disse para ela ter cuidado e ela não teve e eu agora estou a falar com o meu marido e com a minha mãe.” (J., CR)



**Figura 3** - Referências Representações Cuidadores Principais

Relativamente às *Representações Negativas* dos cuidadores, consideramos pertinente destacar que: as CR apresentam mais referências a *Disciplina-controlo Negativo* (14 referências), *Ineficácia* (14 referências) e *Ausência* (13 referências); e as CN apresentaram mais referências a *Disciplina-controlo Negativo* (10 referências) e *Ausência* (8 referências). A amostra CR referiu o dobro das vezes a *Mãe* (33) e o *Pai* (12) negativamente, em comparação com a amostra CN. Relativamente às *Práticas Parentais*, mais concretamente às representações de *Rejeição Parental*, é na amostra CR onde surge um maior número de referências a esta categoria (14 em 23 referências), em comparação com a amostra CN.

**História nº 3 – “Três é uma multidão”** - “Vamos chamar a mãe para vos dar com a colher de pau, ok?”, dizem os irmãos. “Mãeee.” “Sim filhos, eu já vos disse para não interromperem, se for a Catarina diz.” “Mas ela não nos deixa brincar connosco, podes-lhe dar com a colher de pau?” “Sim.” (E a mãe vai dar com a colher de pau na Catarina?) Sim. (Mãe bate com a colher de pau no rabo da Catarina) “Auuu magoaste-me mãe.” (...) (J., CR – Representação de Disciplina-controlo Negativo)

Relativamente às *Representações Positivas* dos cuidadores, consideramos pertinente destacar que: as CR apresentam mais referências a *Ajuda* (25 referências), *Afeto* (22 referências), *Cuidador* (21 referências) e *Disciplina-controlo Positivo* (19 referências); e as CN apresentaram mais referências a representações de *Ajuda* (30 referências), *Disciplina-controlo Positivo* (21 referências), *Cuidador* (21 referências), e *Afeto* (18 referências). A amostra CN referiu mais vezes a *Mãe* (46 em 81 referências) e a *Mãe e o Pai* (38 em 68 referências) de forma positiva; já a amostra CR referiu mais vezes o *Pai* (27 em 41 referências) de forma positiva em comparação com a amostra CN. Relativamente às *Práticas Parentais*, mais concretamente às representações de *Aceitação Parental*, é na amostra CN onde surge um maior número de referências a (19 em 28 referências), em comparação com a amostra CR.

*História nº 1 – “Sumo entornado” - O Gonçalo diz que vai apanhar e a mãe diz para ela ter mais atenção. E o pai vai buscar um pano e limpa o que ela deixou cair. Depois a Inês pede imensa desculpa porque foi sem querer e a mãe e o pai dizem que não faz mal, mas para a próxima ter mais atenção. (E aconteceu mais alguma coisa nesta história?) Não. (B., CN – Representação Positiva de Ajuda)*

### ***Representações do Clima Relacional Familiar***

No que se refere às *Representações do Clima Relacional Familiar*, e partindo de uma comparação intergrupar, na amostra CR, surgem mais referências a representações de maior *Distanciamento Afetivo* (75%) do que na amostra CN (25%). Estas apresentam representações do clima relacional familiar de maior *Proximidade Afetiva* (67,5%) em comparação com as crianças da amostra CR (32,5%).

Os valores acima referidos parecem ser independentes da variável sexo, já que se observa que, são os indivíduos do sexo masculino (77,78%) e os indivíduos do sexo feminino (71,43%), da amostra CR, quem apresenta representações de maior *Distanciamento Afetivo*. Já ao nível da *Proximidade Afetiva*, esta surge mais representada junto dos indivíduos do sexo masculino (60%) e junto dos indivíduos do sexo feminino (75%) da amostra CN.

*“História nº 5 – “Molho quente” - Ela não mostra à mãe. (O que é que ela faz?) Mãe – Porque é que tu só comes com esse braço? J – Porque eu gosto mais de comer com este braço. Depois foi à sala e viu o bracinho que estava todo queimadinho. J – Vou experimentar com água. (Põe água) Ainda está preto. (O*

que é que ela fez ao braço?) *Foi jantar com a amiga. (...)* (E depois?) *Ela foi ao médico. Com a amiga e com o cão. (...)* (E os pais, e os irmãos quando perceberam que elas se tinha ido embora o que fizeram?) *Não fizeram nada.* (Deram por elas se terem ido embora?) *Não. (...)*” (M, CR)

### ***Representações da Fratria***

Em relação às ***Representações da Fratria***, recorrendo a uma comparação intragrupal, nos dois grupos surgiram mais referências a representações positivas da fratria, no entanto, se compararmos os grupos entre si, as crianças da amostra CR referem mais vezes os irmãos de forma *Positiva* (55,26%) do que as crianças da amostra CN (44,74%). Relativamente às *Representações Positivas* da fratria, consideramos pertinente destacar que, em termos globais, surgem com maior frequência representações de *Afeto* (28 referências) e representações de *Ajuda* (11 referências).

*“História nº 5 – “Molho quente” - O irmão corre logo para ela, para o pé da irmã. E vê que não é uma queimadura muito grave. O Pai vai logo ter com o ... a ... o Gonçalo diz ao Pai que não é nada de grave, mas o Pai vai ter com a Inês para ver se está tudo bem. (...)*” (B., CN)

Comparando as ***Representações da Fratria*** por sexo (Quadro 2), e recorrendo a uma comparação intergrupar, são as raparigas e os rapazes da amostra CR quem refere mais vezes a fratria de forma *Positiva* (36,84% e 18,42%, respetivamente), assim como são estes quem refere mais vezes os irmãos de forma *Negativa* (57,14%, no caso das raparigas e 14,29% no caso dos rapazes), sugerindo que os resultados acima referidos são independentes da variável sexo.

**Quadro 2** - Representações da Fratria X Grupo X Sexo

	A : Raparigas CN	B : Raparigas CR	C : Rapazes CN	D : Rapazes CR
1 : Negativas	21,43%	57,14%	7,14%	14,29%
2 : Positivas	31,58%	36,84%	13,16%	18,42%

Analisando as ***Representações da Fratria*** em função do número de irmãos, verificamos que as crianças que são filhas únicas, apresentam um maior número de

referências a representações *Negativas* da fratria (66,67%). Já as crianças com 1, 2 ou 3 irmãos apresentam um maior número de referências a representações mais *Positivas* da fratria.

**História nº 3 – “Três é uma multidão”** - *E agora ela diz assim: “Desculpa mas hoje não mano.”. E o mano vai-se embora. (E se o irmão dissesse assim: “Mas eu sou teu irmão!”) “Sim! Mas a Laura não quer que tu brinques. Amanhã brincamos os dois.” E ele senta-se muito triste no sofá. (...) E a Mãe sentou-se a brincar com ele. (E a Bianca ficou a brincar com a Laura?) Sim. Mas quando a Bianca olhou para a Mãe e para o Irmão ficou com inveja. E portanto, pediu para brincar. (...)*” (D., CN)

### **Indicadores/Facilitadores de Vinculação**

Analisando os **Indicadores/Facilitadores de Vinculação** em cada uma das amostras em estudo, verificamos que surgem mais referências a *Indicadores/Facilitadores de Vinculação Insegura* na amostra CR (63,49%) por comparação à amostra CN (36,51%). Já ao nível das referências a *Indicadores/Facilitadores de Vinculação Segura*, as diferenças entre grupos são ligeiras, ainda que estas surjam mais junto da amostra CN (50,94%), por comparação à amostra CR (49,06%). Os resultados são mais evidentes, quando analisamos os dados em cada um dos grupos. Na amostra CN, a diferença entre **Indicadores/facilitadores de Vinculação** é muito marcada, ou seja, a percentagem de referências de *Indicadores/facilitadores de Vinculação Segura* é de 70,13% enquanto a percentagem de referências de *Indicadores/facilitadores de Vinculação Insegura* é de 29,87%. Já na amostra CR, esta diferença é muito menos marcada, i.e., a percentagem de referências a *Indicadores/facilitadores de Vinculação Segura* é de 56,52% e a percentagem de referências de *Indicadores/facilitadores de Vinculação Insegura* é de 43,48%.

### **Representações do Self**

Analisando as **Representações do Self** (Quadro 3), e recorrendo a uma comparação intragrupal, observa-se que, em ambos os grupos, as crianças apresentam um maior número de representações *Positivas*. No entanto, comparando os grupos entre si, observa-se que as crianças da amostra CN apresentam um maior número de

representações *Positivas* (51,9%), mas também um maior número de representações *Negativas* (56,76%).

**Quadro 3** - Representações do Self X Grupo

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Negativas	56,76%	43,24%
2 : Positivas	51,90%	48,10%

Comparando as **Representações do Self**, entre indivíduos do sexo feminino e indivíduos do sexo masculino, os primeiros apresentam um maior número de representações *Positivas* (53,16%), mas também um maior número de representações *Negativas* (67,57%). Se efetuarmos uma comparação intergrupar (Quadro 4), podemos observar que os indivíduos da amostra CN apresentam um maior número de referências a representações *Positivas* do *self*, mas também um maior número de referências a representações *Negativas* do *self*, sugerindo que os resultados acima apresentados são independentes da variável sexo.

**Quadro 4** - Representações do Self X Grupo X Sexo

	A : Raparigas CN	B : Raparigas CR	C : Rapazes CN	D : Rapazes CR
1 : Negativas	36,59%	26,83%	19,51%	17,07%
2 : Positivas	28,40%	23,45%	24,70%	23,45%

*“História nº 7 – “As chaves perdidas” - H – Oh mãe! Porque é que estão a discutir? Mãe – Ele perdeu-me as chaves! H – Então vamos lá encontrar! Eu vou ver em baixo do sofá! H – Ehh encontrei mãe! Toma. Vês mãe, o teu filho encontra todas as coisas! (...)” (H., CR)*

### **Coerência Narrativa**

No que diz respeito à **Coerência Narrativa**, não foram encontradas diferenças significativas entre as duas amostras em estudo. A grande maioria das crianças (de ambas as amostras) elaborou narrativas coerentes, em 95,71% das histórias (amostra CN) e 97,14% das histórias (amostra CR).

*“História nº 2 – “Cão perdido/Reunião com o cão” - (Cão: Max) A Sofia vai ter com a mãe. Diz à mãe que o Max fugiu e todos vão à procura do Max. Não encontram, mas pensam que, no dia a seguir, o Max pode voltar. Vão-se deitar. Normal. (Cão volta) Iam ter com o Max, davam-lhe abraços e faziam o que tinham a fazer a seguir. (E aconteceu mais alguma coisa nesta história?) Não.” (C., CR)*

### **Conteúdo Narrativa**

Em relação ao **Conteúdo da Narrativa**, as referências aos temas de **Agressividade Desregulada**, surgem ligeiramente mais representadas na amostra CR (5 referências) do que na amostra CN (3 referências). Os temas de **Agressão Física** surgem igualmente distribuídos nas duas amostras (3 referências cada), enquanto os temas de **Destruição de Objetos** (2 referências) e **Ameaça Pessoal** (1 referência) surgem mais na amostra CR. Comparando os indivíduos do sexo feminino com os indivíduos do sexo masculino, os temas de **Agressividade Desregulada** surgem mais referidos pelos indivíduos do sexo masculino (73,33%).

*“História nº 3 – “Três é uma multidão” - Então o pai foi resolver o assunto: “É assim ó Jan Jon ou eu nem sei o teu nome! Mas é assim, se não deixares os meus filhos brincarem vou dizer aos teus pais!” Pontapé (Jan Jon dá um pontapé ao Pai). Dá um pontapé ao pai, dá um pontapé ao Daniel e depois vai-se embora e depois leva o cão, não o cão não, leva o sofá contra a cabeça da mãe. Pumm (...)” (G., CR)*

No que diz respeito aos temas de **Conflito Interpessoal**, estes surgem referidos na amostra CR em 70% dos casos, por comparação à amostra CN. Consideramos pertinente destacar que: na amostra CR, os temas mais referidos foram os temas de **Conflito Verbal** (5 referências – apenas foram referidos nesta amostra), seguidos dos temas de **Competição** (2 referências) e **Rivalidade-Ciúme** (2 referências); e na amostra CN, o tema mais referido foi a **Exclusão dos Outros** (2 referências – apenas foram referidos nesta amostra). Os temas de **Conflito Interpessoal** surgem mais frequentemente (90%) entre os indivíduos do sexo feminino. De entre os tipos de conflito, os temas de **Conflito Verbal** (5 referências), os temas de **Competição** (3

referências) e os temas de *Rivalidade-Ciúme* (3 referências) apenas surgiram referidos junto dos indivíduos do sexo feminino.

*“História nº 1 – “Sumo entornado” - (...) Depois o pai reparou, levantou-se e disse: “Quem é que tem a minha caneca?” Depois vira-se para o Rod, aí, para o Daniel: “Danielll! Porque é que tens a minha caneca aí??” “Não sei, eu não sei quem é que trocou tudo!” De repente foi o Dani..., a mãe disse: “Foi a Daniela.” A mãe levantou-se e disse assim: “Foi a senhora Daniela, não foi Daniela?” “Eu? Eu não, hoje não fui eu que pus a mesa, não ponham as culpas para cima de mim!” (...)” (F., CR)*

Relativamente às *Emoções* presentes na narrativa, na amostra CR, são as *Emoções Negativas* que surgem referidas com mais frequência (55,22%) por oposição às *emoções Positivas* (44,78%). Já na amostra CN surgem mais referências a *emoções Positivas* (51,35%) do que a *emoções Negativas* (48,65%). Olhando à amostra total, podemos observar que as *Emoções Negativas* mais frequentes são a *Culpa* (42 referências), seguida da *Tristeza* (24 referências), do *Medo* (13 referências) e da *Preocupação* (11 referências). Em relação às *Emoções Positivas*, as que surgem mais frequentemente são o *Divertimento* (40 referências), seguido da *Alegria* (23 referências), do *Alívio* (16 referências) e do *Entusiasmo* (12 referências). As *Emoções* na narrativa presentes nas amostras em estudo, são mais frequentemente *Negativas* nas crianças do sexo feminino (53,49%) e mais frequentemente *Positivas* nas do sexo masculino (51%).

*“História nº 1 – “Sumo entornado” - O sumo entorna para cima de todos, menos para o Mário. E o Mário começa a gritar: “Socorro socorro, estão todos queimados!” Sim todos queimados. E depois? Saltam para cima do sofá e depois (impercetível). Depois deu um pontapé no carrinho foi partir a cabeça da irmã dele. E depois o Mário saltou para cima do fogão, que até se queimou e deitou o tacho ao chão. (Queimou-se e deitou o tacho ao chão?) O pai também deitou o frasco do sumo ao chão. Aiii deitou o copo ao chão. Depois saltou para cima da mesa e disse: “Acalmem-se todoooooosss!” E ele caiu (o pai). Caiu tudo, até a mesa virou de pernas para o ar. Já está. (...)” (G., CR)*

Por fim, relativamente aos temas de *Perigo*, estes surgem referidos mais vezes na amostra CR (52,63%) em comparação com a amostra CN (47,37%). Surgem

referidos mais frequentemente nas crianças do sexo masculino (63,16%) em comparação com as do sexo feminino (36,94%).

### ***Processo de Resolução de Problemas***

Ambos os grupos conseguiram resolver de forma *Eficaz* o problema apresentado na maioria das histórias propostas. A resolução eficaz surgiu em 97,1% das histórias na amostra CR e em 94,2% na amostra CN. Dentro do processo de resolução eficaz de problemas, a resolução eficaz por *Ação da Família* (46 referências), *Ação Mágica* (7 referências) ou *Ação de Terceiros* (6 referências) surge mais vezes referida na amostra CR. Já a resolução eficaz por *Ação do Próprio* predomina na amostra CN (44 referências), embora a diferença em relação à amostra CR seja ligeira. Os cuidadores mais referidos dentro da resolução eficaz por *Ação da Família*, apresentam uma distribuição muito semelhante nos dois grupos, sendo a *Mãe e o Pai* maioritariamente referidos. A diferença mais relevante encontra-se ao nível da *Fratria*, que foi mais referida pela amostra CR.

***“História nº 1 – “Sumo entornado” - O pai vai buscar um pano e uma esfregona, limpa a mesa, apanha o copo e limpa o chão. (...) (E aconteceu mais alguma coisa nesta história?) Não.”*** (C., CR – Resolução Eficaz do Problema por Ação da Família)

Quer os participantes do sexo feminino, quer os do sexo masculino, conseguiram resolver de forma *Eficaz* o problema apresentado na maioria das histórias. A resolução eficaz surgiu em 95,71% das histórias das crianças do sexo feminino e em 95,59% das histórias das crianças do sexo masculino. Dentro do processo de resolução eficaz de problemas, a resolução eficaz por *Ação da Família* (48 referências) ou *Ação do Próprio* (46 referências) surge mais vezes referida no grupo das crianças do sexo feminino. Já a resolução eficaz por *Ação de Terceiros* (6 referências) ou *Ação Mágica* (6 referências) surge mais vezes referida no grupo do sexo masculino. Os cuidadores mais referidos dentro da resolução eficaz por *Ação da Família*, apresentam, também aqui, uma distribuição muito semelhante nos dois grupos sendo a única diferença interessante o facto de as raparigas referirem mais vezes a ajuda da Irmã e os rapazes a ajuda do Irmão.

No que diz respeito às **Estratégias de Confronto** utilizadas no *Processo de Resolução de Problemas*, a estratégia de *Assimilação* é a mais referenciada e apresenta uma distribuição equitativa das referências quando comparamos a amostra CR com a amostra CN. Analisando as *Estratégias de Confronto* por sexo, são as crianças do sexo feminino que referem mais vezes estratégias de *Assimilação* (58 referências) e são as do sexo masculino quem refere mais vezes estratégias *Mistas* (15 referências).

### **Responsividade ao Examinador**

Em relação à **Responsividade ao Examinador**, na amostra CN, em todas as histórias, as crianças *Envolveram-se* na tarefa. Já na amostra CR, o *Envolvimento* na tarefa esteve presente em 85,29% das histórias, sendo que nos restantes 14,71% das histórias, as crianças apenas *Responderam quando Questionadas*, mostrando um menor envolvimento na tarefa. Não ocorreu nenhum caso de não resposta à tarefa proposta.

### **Desenho da Família**

Os resultados analisados neste segundo ponto dizem respeito às narrativas elaboradas pelas crianças, a partir da aplicação do *Desenho da Família*.

### **Tipo de Família Representada**

No que diz respeito ao **Tipo de Família** desenhado pelas crianças das amostras em estudo, na amostra CN, cinco crianças desenharam uma família *Equivalente* à sua (desenhando os elementos equivalentes) e as restantes cinco desenharam uma família *Alterada*, acrescentando ou omitindo elementos. Na amostra CR, oito crianças desenharam uma família *Equivalente* e as restantes duas desenharam uma família *Alterada*. Relativamente às figuras omitidas dos desenhos, na amostra CR, surgem mais omissões dos cuidadores principais (referidas por quatro crianças) do que na amostra CN, onde estas omissões surgem em apenas duas crianças. Em relação às omissões de elementos da fratria, estas surgem maioritariamente na amostra CR (referidas por quatro crianças), por comparação à amostra CN, onde apenas surgem numa criança.

## **Figura de Identificação**

Em relação às **Figuras de Identificação**, nos desenhos das crianças das amostras em estudo não surgiram diferenças significativas entre os dois grupos. Em ambas as amostras, sete das dez crianças identificaram-se com a *Figura representativa de Si Próprio* e três das dez crianças com *Outra Figura* (na amostra CR, uma das crianças identificou-se consigo própria e com a mãe). Nas identificações com outras figuras, surgem, na amostra CR referências a uma identificação à *Mãe*, à *Irmã*, ao *Irmão* e ao *Tio*. Na amostra normativa, surgem referências a uma identificação a *Figuras Imaginárias* (não pertencentes à família – duas referências) ou a *Animais*.

## **Narrativa**

### **Tendência da Narrativa**

Em relação à **Tendência da Narrativa**, na sua vertente *Positiva*, surgem, na amostra CR, mais vezes referidos como *Mais Generosos*, o *Próprio* (cinco referências), seguido da *Mãe*, *Irmão* e *Avó* (três referências cada). Na amostra CN, surgem mais vezes referidos como *Mais Generosos*, a *Mãe* (quatro referências), seguida do *Próprio* e de *Animais* (duas referências cada). Ainda dentro da tendência positiva, surgem referidos como *Mais Felizes*, na amostra de CR, mais frequentemente, o *Próprio* e a *Mãe* (três referências cada). Na amostra CN, a referência mais significativa nesta categoria é ao *Próprio* (oito referências).

“**Quem é o mais e menos bondoso da família e porquê?** *Mais bondoso: É a mãe, porque adora ajudar pessoas que não têm muitas possibilidades, ajuda crianças e nunca se chateia com ninguém.*” (B., CN)

Em relação à **Tendência da Narrativa**, na sua vertente *Negativa*, na amostra CR, surgem, mais vezes referidos, como *Menos Generosos*, o *Pai*, a *Irmã* e o *Irmão* (três referências). Na amostra CN, surgem como *Menos Generosos*, mais frequentemente, o *Irmão* (quatro referências), a *Prima*, *Ninguém* ou *Animais* (duas referências cada). Ainda dentro da tendência negativa, surgem referidos como *Menos Felizes*, na amostra de CR, o *Próprio*, o *Pai*, o *Irmão* ou *Ninguém* (duas referências cada). Na amostra CN, a referência mais significativa nesta categoria é ao *Pai* (quatro referências), seguida de *Ninguém* (quatro referências).

**Quem é o menos feliz?** - “*É o pai, porque quer destruir a floresta.*” (G., CR)

## 4. Discussão

---

No presente capítulo, focamo-nos, essencialmente na análise do objetivo geral do estudo: compreender se existem especificidades nas representações de família de crianças sinalizadas às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens. Assim, procuramos explorar as diferenças e semelhanças encontradas entre a amostra de crianças em risco e a amostra de crianças em situação familiar normativa, ao nível das representações de família – aqui consideradas como incluindo as representações dos cuidadores principais, as representações do clima relacional familiar e as representações da fratria – e ao nível das representações do *self*. Procuramos, ainda, compreender que diferenças existem, nas amostras em estudo, relativamente aos indicadores/facilitadores de vinculação segura vs. insegura às figuras parentais, assim como perceber qual a influência da variável sexo nas questões acima referidas. Por fim, pretende-se refletir sobre a adequação da grelha de codificação do *The MacArthur Story Stem Battery* (Bretherton et al., 1990) – *MacArthur Narrative Coding Manual*, tal como proposta por Robinson, Mantz-Simmons, MacFie, Kelsay & the *MacArthur Narrative Working Group* (2001).

Partindo de uma análise comparativa das amostras em estudo, verificamos que existem diferenças ao nível das representações de família, i.e., das representações dos cuidadores, do clima relacional familiar e das representações da fratria. Mais, foram encontradas diferenças ao nível dos indicadores/facilitadores de vinculação segura vs. insegura aos cuidadores principais. Foram ainda encontradas diferenças em relação ao conteúdo das narrativas elaboradas a partir da aplicação do *The MacArthur Story Stem Battery*. A responsividade ao examinador, na aplicação desta bateria foi, ainda, tendencialmente diferente nas amostras em estudo.

Por outro lado, foram encontradas semelhanças entre as duas amostras em estudo, ao nível da coerência das narrativas elaboradas a partir da aplicação do *The MacArthur Story Stem Battery* e nas estratégias de resolução de problemas. Foram, igualmente, evidentes as semelhanças ao nível das representações do *self* e, ainda, na análise do *Desenho da Família*, no tipo de família mais frequente e na figura de identificação.

## **Diferenças entre a amostra de crianças em risco e a amostra de crianças em situação familiar normativa**

### ***Representações de Família***

No presente estudo, encontraram-se evidências de que as crianças da amostra de crianças em risco representam os cuidadores principais de forma mais negativa e menos positiva do que as crianças da amostra normativa. Ainda que as diferenças entre as representações positivas das amostras em estudo não sejam tão marcadas como as representações negativas, estes resultados vão de encontro à literatura sobre esta temática. Tal como discutido no enquadramento teórico, em estudos sobre as representações dos cuidadores principais, a literatura tem encontrado evidências que apoiam a hipótese de que as experiências de situações de maus-tratos na infância têm impacto nas representações dos cuidadores. Em estudos com crianças em idade pré-escolar ou em idade escolar, os autores encontraram evidências de que estas constroem representações mais negativas (Toth et al., 1997) ou mais negativas e menos positivas dos cuidadores (Toth, Cicchetti, MacFie, Maughan & Vanmeenen, 2000; Shields et al., 2001).

Estes resultados parecem ser independentes da variável sexo, já que são os indivíduos do sexo masculino e os indivíduos do sexo feminino da amostra de crianças em risco quem refere mais frequentemente os cuidadores de forma negativa, por oposição à amostra normativa, onde predominam as representações positivas (nos indivíduos de ambos os sexos).

Apesar das diferenças entre os dois grupos, em relação às representações negativas dos cuidadores, serem salientes, a diferença nas representações positivas dos cuidadores é menos marcada. Num estudo sobre as representações maternas, Toth et al. (1997), encontraram evidências (acima citadas) de um maior número de representações negativas das mães nas crianças vítimas de maus-tratos, mas não encontraram diferenças ao nível das representações positivas entre estas e as crianças da amostra de controlo. Estes dados sugerem que as experiências de maus-tratos que influenciam as representações positivas, funcionam de forma independente das que contribuem para as representações negativas (Toth et al., 2002). Parece ser o predomínio de representações negativas dos cuidadores que contribui para as dificuldades nas relações sociais futuras (Toth et al., 1997). Também na análise da tendência positiva e da tendência negativa do *Desenho da Família*, encontramos indicadores, ainda que mais ténues, de uma diferença

menos marcada ao nível das representações positivas: em ambas as amostras, foram consideradas como as figuras mais generosas ou as mais felizes, a mãe ou o próprio, mostrando uma maior homogeneidade ao nível das representações positivas. Estes resultados podem estar associados ao facto de todas as crianças da amostra de crianças em risco estarem incluídas em processos de intervenção familiar, quer por parte dos Centros de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental, quer por parte das CPCJ. A partir destes resultados, é possível refletir sobre a importância das intervenções terapêuticas. Toth et al. (2002) encontraram evidências de que as capacidades representacionais continuam a evoluir ao longo do período pré-escolar, em amostras de crianças que experienciaram maus-tratos e em amostras normativas. Ainda que os autores não tenham determinado uma idade, a partir da qual, as representações do *self* e dos cuidadores se tornam menos *maleáveis*, encontraram evidências de que, sem uma intervenção, as representações do *self* e dos cuidadores tornam-se mais negativas ao longo do tempo, ou permanecem estáveis. Pelo contrário, nas crianças sujeitas a intervenção, as representações tornam-se, progressivamente, mais positivas (Toth et al, 2002).

Para além das diferenças encontradas nas representações dos cuidadores a um nível mais global, foram ainda encontradas diferenças entre as amostras, a nível mais específico, i.e., relativamente ao tipo de representações negativas expressas. Apesar de os cuidadores terem sido representados nas duas amostras enquanto agentes de disciplina negativa, na amostra em risco, foram ainda evidentes as representações de ineficácia e de ausência. Também na amostra normativa surgiram representações de ausência, mas menos frequentes. Esta diferença, sobretudo ao nível das representações de ineficácia na resolução de problemas e resposta às necessidades, mas também ao nível da ausência, pode ser explicada por uma presença, maioritária, na amostra em risco, de crianças sinalizadas por motivos de negligência. O contexto familiar de uma criança vítima de negligência é frequentemente marcado por cuidadores que não são responsivos às necessidades e aos sinais de stress expressos pela criança (e.g. Howe, 2005). Estes resultados vão no sentido dos encontrados na literatura sobre esta temática (Macfie et al., 1999; Shields et al., 2001), sobretudo quando percecionados enquanto representativos de uma menor responsividade dos cuidadores às crianças.

De todas as figuras consideradas enquanto cuidadores, a mãe, seguida do pai, surgiram representados mais negativamente junto das crianças em risco. Na amostra

normativa, também a mãe e o pai surgiram representados de forma negativa, no entanto com metade das referências. Já relativamente às representações positivas, estas surgiram, na amostra normativa relativamente à mãe e ao pai, o que pode estar relacionado com uma perceção de coesão junto do subsistema parental. A amostra de crianças em risco, referiu mais vezes o pai de forma positiva, mesmo em comparação com a amostra normativa. Estes dados podem estar relacionados a uma idealização da figura parental masculina, mais periférica nas *famílias multiproblemáticas*, uma vez que a elas está predominantemente associada a monoparentalidade feminina (Sousa, 2005). Assim, é possível refletir, a partir destes dados, sobre a importância da figura parental masculina no percurso de desenvolvimento das crianças.

Também ao nível das representações das práticas parentais foram encontradas diferenças entre as amostras em estudo. Na amostra de crianças em risco, surgiram mais representações de rejeição parental e na amostra normativa mais representações de aceitação parental. A predominância de representações de práticas de rejeição parental pode estar associada à tipologia de maus-tratos mais frequente na amostra de crianças em risco – a negligência.

Relativamente ao *Desenho da Família*, na amostra de crianças em risco, surgiram mais omissões dos cuidadores principais e da fratria do que na amostra de crianças em risco. Piperno et al., (2007) encontraram evidências de que, nos desenhos das crianças vítimas de abuso físico e de abuso sexual, surgem um maior número de omissões de elementos da família. Assim, os dados aqui encontrados vão de encontro à diferença entre crianças que experienciaram vivências de maus-tratos e amostras de crianças em situação familiar normativa. No presente estudo, as crianças da amostra de crianças em risco que omitiram figuras nos seus desenhos foram menos do que as que representaram uma família com o número de elementos equivalente à família real. Esta menor prevalência de omissões pode estar associada ao facto de, na amostra do presente estudo, a maioria de crianças em risco tenha vivenciado experiências de negligência e não de abuso físico ou abuso sexual.

Também ao nível do clima relacional familiar foram encontradas diferenças entre as amostras em estudo. As representações de distanciamento afetivo surgiram maioritariamente junto das crianças em risco. Por outro lado, as representações de proximidade afetiva estiveram mais presentes junto da amostra normativa. Também aqui, os resultados parecem ser independentes da variável sexo, já que são os indivíduos

do sexo masculino e os indivíduos do sexo feminino da amostra de crianças em risco quem refere mais representações de distanciamento afetivo, por oposição à amostra normativa. Estes dados podem estar associados à prevalência, nos contextos familiares associados ao risco, de *multidesafios* a que os cuidadores têm de fazer face (que, muitas vezes, somam as dificuldades económicas e os conflitos familiares, a problemáticas de distúrbios psicopatológicos, de alcoolismo, etc.) que concorrem para que estes sejam mais centrados nos seus próprios problemas, menos atentos às necessidades da crianças, mais indisponíveis, podendo conduzir a um clima relacional mais distante.

Ainda que as duas amostras em estudo tenham elaborado representações positivas da fratria, é na amostra de crianças em risco que surgem, quer mais representações positivas, quer mais representações negativas. Também ao nível da resolução de problemas por ação da família, a fratria foi mais referida junto da amostra de crianças em risco. Esta diferença encontrada entre os dois grupos remete-nos, em primeiro lugar, para a heterogeneidade na constituição das fratrias encontrada nas amostras em estudo – é na amostra de crianças em risco que podemos encontrar fratrias mais extensas –, o que pode justificar a existência de um maior número de referências neste grupo. Apoiando esta hipótese, podemos verificar que, no presente estudo, foram as crianças com um ou mais irmãos quem representou a fratria de forma mais positiva. Por outro lado, dado que as crianças em risco da amostra do presente estudo, percebem os seus cuidadores de forma mais negativa e, especificamente, mais ineficazes e ausentes, a fratria pode representar uma fonte compensatória de apoio e, sobretudo de afeto. Também aqui, a variável sexo parece não ter interferido na diferença encontrada entre as amostras, já que são as crianças em risco (de ambos os sexos) que referem mais representações positivas da fratria e mais representações negativas da fratria.

### *Narrativas*

A análise dos temas mais presentes nas narrativas elaboradas pelas crianças das amostras em estudo, permitiu-nos encontrar, igualmente, diferenças entre as mesmas. Relativamente aos temas de conflito interpessoal, estes surgiram mais frequentemente na amostra de crianças em risco, assim como os temas de perigo. Estes resultados vão na linha dos dados encontrados na literatura (Toth, Cicchetti, MacFie, Roghsh & Maughan, 2000). Por outro lado, foram encontradas evidências de diferenças, ao nível

da variável sexo, nos temas mais frequentes nas narrativas, i.e., os temas de conflito interpessoal surgiram mais frequentemente entre os indivíduos do sexo feminino; já os temas de perigo e os temas de agressividade desregulada, surgiram referidos mais frequentemente junto dos indivíduos do sexo masculino. Tais resultados poderão, hipoteticamente, explicar-se por diferenças de género, nomeadamente, pelo facto de crianças do sexo feminino estarem mais direcionadas para as interações verbais do que as do sexo masculino, estas mais direcionadas para o agir sobre as situações. A literatura sobre diferenças de género na infância, tem demonstrado que as raparigas despendem mais tempo em interações sociais verbais (Moller, Hymel, Rubin, 1992). As raparigas experienciam mais stress emocional (Hankin & Abramson, 2001; Rose & Rudolph, 2006) e os rapazes mais problemas comportamentais, incluindo maior agressividade e condutas anti-sociais (Foster, 2005 *cit. por* Rose & Rudolph, 2006). Os resultados ao nível da agressividade vão também na linha dos encontrados por Clyman (2003), e von Klitzing et al. 2000 (*cit. por* Holmberg et al., 2007), relativamente a uma maior prevalência de temas de agressividade presentes nas narrativas dos participantes do sexo masculino.

Também as emoções na narrativa foram analisadas no presente estudo, tendo sido encontradas diferenças entre as amostras. Na amostra de crianças em risco, as emoções na narrativa foram predominantemente negativas e na amostra normativa predominantemente positivas. Estes resultados podem estar associados ao tipo de temas predominantes nas narrativas desenvolvidas a partir do *The MacArthur Story Stem Battery*, associadas a temas de relacionamento familiar. Assim, o predomínio de emoções negativas, na amostra em risco, pode estar associado às representações negativas dos cuidadores e ao clima relacional de distanciamento afetivo. As emoções na narrativa presentes nas amostras em estudo, foram mais frequentemente negativas junto dos participantes do sexo feminino, e, mais frequentemente positivas junto dos do sexo masculino. Na mesma linha dos dados apresentados acima, estes resultados podem estar associados a uma maior capacidade de reflexão sobre as situações e sobre as emoções por parte das crianças do sexo feminino. A literatura tem encontrado evidências de que as crianças do sexo feminino falam mais sobre os seus problemas, enquanto que as crianças do sexo masculino têm mais tendência a evitar os problemas, afastando-se dos mesmos (Rose & Rudolph, 2006).

### ***Indicadores/Facilitadores de Vinculação***

A análise comparativa dos indicadores/facilitadores de vinculação segura vs. insegura, permitiu-nos encontrar resultados que apontam para uma diferença entre as duas amostras em estudo. Na amostra de crianças em risco, surgiram mais evidências de indicadores/facilitadores de vinculação insegura, como representações negativas dos cuidadores, um clima relacional marcado pelo distanciamento afetivo e pela hostilidade, práticas parentais de rejeição afetiva, de controlo comportamental com recurso a estratégias coercivas e de controlo emocional. Já na amostra normativa, surgiram mais evidências de indicadores/facilitadores de vinculação segura como, representações positivas dos cuidadores, um clima relacional familiar marcado pela proximidade afetiva, práticas parentais de afeto e de controlo comportamental, com recurso a estratégias indutivas. Estes resultados, vão tendencialmente ao encontro da literatura (e.g. George, 1996; Barnett et al., 1999) que apoia a hipótese de que as vivências de maus-tratos estão associadas a maiores probabilidades de desenvolver padrões inseguros de vinculação. Contudo, devemos realçar que, no presente estudo, apenas se procuraram evidências de indicadores/facilitadores de vinculação segura vs. insegura, e, por essa razão, estes resultados devem ser considerados com algumas reservas.

A destacar que na amostra normativa a diferença entre indicadores/facilitadores de vinculação segura e indicadores/facilitadores de vinculação insegura é muito marcada, com uma grande prevalência dos primeiros. Já na amostra de crianças em risco, esta diferença é muito menos marcada, apenas com uma pequena superioridade dos indicadores/facilitadores de vinculação insegura, o que pode apontar para alguma ambivalência ou desorganização na vinculação. Toth, Cicchetti, MacFie, Maughan & Vanmeenen (2000), num estudo sobre as representações do próprio e dos cuidadores (acima citado), encontraram evidências de uma conjugação entre representações negativas e representações idealizadas do *self*, saliente nas narrativas das crianças maltratadas. Os autores consideraram que estes resultados estariam associados a um estilo de vinculação desorganizado, que conjuga múltiplos e incompatíveis modelos do *self*. Na presente investigação, a diferença mínima, encontrada, entre as referências a indicadores de vinculação segura e indicadores de vinculação insegura na amostra de crianças em risco, sugere, igualmente, um estilo de vinculação desorganizado ou ambivalente que conjuga representações múltiplas e incompatíveis.

### ***Responsividade ao Examinador***

Um dos aspectos analisados no presente estudo, foi a responsividade ao examinador durante a aplicação do *The MacArthur Story Stem Battery*. Numa análise comparativa entre as duas amostras, foi possível verificar que estas se apresentaram tendencialmente diferentes em relação a esta variável. Enquanto os participantes da amostra normativa revelaram envolvimento na tarefa proposta, as crianças em risco mostraram uma tendência, ainda que ligeira, para um menor envolvimento, expressa por uma atitude de responder simplesmente às questões colocadas. Esta tendência para uma menor responsividade ao examinador é congruente com a literatura (Toth et al., 1997), podendo estar associada à forma como as crianças, que experienciaram situações de maus-tratos, respondem perante novas relações, i.e., através da generalização das representações negativas formadas na relação com os cuidadores principais. Em novas relações, as crianças teriam um papel ativo na confirmação das suas representações negativas do *self* e dos outros.

### **Semelhanças entre a amostra de crianças em risco e a amostra de crianças em situação familiar normativa**

#### ***Representações de Família***

Relativamente às semelhanças encontradas entre as amostras em estudo, começamos por nos reportar às representações dos cuidadores. O tipo de representações positivas dos cuidadores expressas pelas crianças das amostras em estudo foi bastante semelhante, surgindo, em ambas as amostras, representações positivas dos cuidadores nas categorias de ajuda, afeto, cuidador e formas positivas de disciplina. Como acima discutido, as diferenças nas representações positivas dos cuidadores entre as amostras em estudo parecem ser menos evidentes do que as diferenças entre representações negativas.

#### ***Narrativa***

Relativamente à coerência das narrativas elaboradas a partir das histórias apresentadas pelo examinador no *The MacArthur Story Stem Battery*, não foram encontradas diferenças significativas entre as duas amostras em estudo, já que a grande

maioria das crianças (de ambas as amostras) elaborou narrativas coerentes. Ao nível da resolução dos problemas nas narrativas do *The MacArthur Story Steem Battery*, as amostras apresentaram resultados semelhantes: quer as crianças em risco, quer as crianças da amostra normativa, conseguiram resolver de forma eficaz o problema apresentado. Em relação ao processo de resolução eficaz de problemas, na amostra de crianças em risco, a resolução eficaz surgiu mais associada à ação da família; por outro lado, na amostra normativa, esta surgiu mais associada à ação do próprio, embora, aqui, as diferenças entre grupos tenham sido muito ligeiras. Esta maior expressão da ação do próprio na amostra normativa pode estar associada a uma maior promoção da autonomia e capacitação transmitidas pelos cuidadores às crianças deste grupo. As estratégias de confronto utilizadas no processo de resolução de problemas foram semelhantes nas amostras em estudo, i.e., a estratégia mais presente foi a assimilação. A diferença mais marcada relaciona-se com as diferenças entre sexos, já que foram as crianças do sexo feminino quem apresentou um maior recurso a estratégias de assimilação na resolução de problemas. Estes dados corroboram as evidências encontradas na literatura (acima citadas) de uma maior prevalência de evitamento dos problemas encontradas junto das crianças do sexo masculino (Rose & Rudolph, 2006).

### ***Representações do Self***

A semelhança mais relevante encontrada prende-se com as representações do *self*. Os dados encontrados no presente estudo são opostos aos presentes na literatura sobre crianças que vivenciaram experiências de maus-tratos. Vários estudos efetuados revelam que estas crianças elaboram representações mais negativas do *self* (Toth et al., 1997; Toth, Cicchetti, MacFie, Maughan & Vanmeenen, 2000; Waldinger et al., 2001). No presente estudo, analisando as representações do *self* em cada uma das amostras, foram encontradas evidências de que, quer as crianças em risco, quer as crianças da amostra normativa elaboraram mais representações do *self* positivas do que negativas. Já através de uma comparação intergrupar, foi possível observar que as crianças da amostra normativa apresentam, quer mais representações negativas do *self*, quer mais representações positivas do *self*. Ou seja, a amostra de crianças em risco apresentou menos representações negativas e menos representações positivas do *self*. Novamente, a diferença nas representações positivas é menos marcada do que a das representações negativas. Estes resultados parecem, ainda, ser independentes da variável sexo. É

possível hipotetizar que as crianças da amostra normativa, por terem um maior acompanhamento familiar, desenvolvam um maior sentido crítico e maior capacidade de análise, logo mais representações, quer positivas, quer negativas.

Relativamente às figuras de identificação, que surgiram no *Desenho da Família*, também não surgiram diferenças significativas entre as amostras em estudo. A maioria das crianças identificou-se com a figura correspondente consigo própria, o que parece ser congruente com uma representação mais positiva do *self* (presente em ambas as amostras).

## Reflexões Finais

---

### Resultados salientes

Na presente investigação, foram encontradas evidências de diferenças entre a amostra de crianças em risco e a amostra normativa, sobretudo ao nível das representações de família, onde foi evidente uma prevalência da negatividade: nas representações dos cuidadores, onde a ineficácia e a ausência se destacam; no clima relacional familiar, marcado pelo distanciamento afetivo; nas práticas parentais de rejeição parental. Também as narrativas elaboradas pelas crianças em risco, foram marcadas, por uma tendência mais negativa, evidente na maior prevalência de temas de conflito, de perigo e de emoções negativas. Em relação aos indicadores de vinculação segura aos cuidadores, estes foram mais evidentes junto da amostra normativa, onde a diferença entre indicadores de vinculação segura vs. insegura foi muito marcada. Já em relação aos indicadores de vinculação insegura, estes foram mais evidentes junto da amostra de crianças em risco, corroborando os dados encontrados na literatura.

As representações da fratria vão contra esta tendência de negatividade, apresentando-se como mais positivas junto das crianças em risco. Estes são resultados relevantes na medida em que nos permitem refletir sobre a importância de representações positivas de outras relações familiares que concorram para mediar os efeitos negativos das representações dos cuidadores. As representações do *self*, marcadas pela positividade e mais evidentes na amostra normativa, foram também dados relevantes. A menor diferença nas representações positivas dos cuidadores nas amostras em estudo, revelou-se um dado interessante, que sugere uma influência distinta das experiências de maus-tratos nas representações positivas e nas representações negativas dos cuidadores (Toth et al., 2002).

### *MacArthur Narrative Coding Manual*

Um dos objetivos do presente estudo consistia em testar a adequação da grelha de codificação do *The MacArthur Story Stem Battery* (Bretherton et al., 1990) – *MacArthur Narrative Coding Manual*, tal como proposta por Robinson, Mantz-Simmons, MacFie, Kelsay & the *MacArthur Narrative Working Group* (2001) (*Anexo A*).

Para o presente trabalho, foram consideradas algumas categorias prévias presentes na grelha de codificação acima referida, embora já com algumas adaptações no sentido de uma maior clareza conceitual. Da análise da adequação desta grelha de codificação, ressaltam, duas considerações principais: a insuficiência das categorias de codificação, face à informação transmitida pela bateria; uma organização de categorias e subcategorias marcada, por vezes, por alguma falta de rigor conceitual (e.g., a categoria de resolução do conflito dentro da categoria de temas morais).

Assim, propomos sugestões de alteração à grelha de codificação, na qual constem as categorias apresentadas no Quadro 5. Esta árvore de categorias foi elaborada, partindo da conjugação das categorias utilizadas no presente estudo, com novas categorias consideradas como fundamentais a uma análise mais detalhada das narrativas elaboradas a partir da aplicação do *The MacArthur Story Stem Battery*. A categoria *Tonalidade Afetiva*, foi adaptada do sistema de cotação da escala *Couples Interacton Task – CIT* (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisma, 1998), baseado na análise dos comportamentos partilhados de expressão e regulação de afeto, para além da negociação e resolução de conflitos e comportamentos caraterísticos da relação de vinculação (Faria et al., 2007).

**Quadro 5** - Proposta grelha codificação The MacArthur Story Stem Battery

<b>Nome</b>
<b>MacArthur Story Stem Battery</b>
<b>Coerência Narrativa</b>
Coerente
Incoerente
<b>Conteúdo Narrativa</b>
Temas Agressividade
Temas Conflito Interpessoal
Temas Perigo
Emoções Narrativa
Processo Resolução Problema
<b>Representações Relações Familiares</b>
Representação Global Familiar
Clima Relacional Familiar
Proximidade Afetiva
Distanciamento Afetivo

Coesão
Conflito
Organização Estrutural Familiar
Papéis
Hierarquia
Fronteiras
Qualidade da comunicação
Representações Cuidadores Principais
Representação Práticas Parentais
Afeto-Aceitação
Controlo Comportamental
Controlo Psicológico
Representações Fratria
Representação Global Individual
Tonalidade Afetiva
Afeto Positivo
Afeto Negativo
Hostilidade
<b>Representações Self</b>
Negativas
Positivas
<b>Responsividade Examinador</b>
Envolvimento
Responde quando Questionada
<b>Vinculação Insegura – Indicadores</b>
Representações Negativas Cuidadores
Controlo Psicológico
Controlo Comportamental - Estratégias Coercivas
Rejeição Parental
Hostilidade
Distanciamento Afetivo
<b>Vinculação Segura – Indicadores</b>
Representações Positivas Cuidadores
Aceitação Parental
Controlo Comportamental - Estratégias Indutivas
Proximidade Afetiva

## **Limitações da Investigação**

Como limitações da presente investigação, consideramos, em primeiro lugar, as dimensões das amostras em estudo, que contaram, apenas, com dez indivíduos cada. Também a heterogeneidade das próprias amostras, ao nível da constituição das fratrias, da constituição estrutural familiar e da etnia, se apresentam como limitações, ao não permitirem uma análise mais aprofundada das evidências encontradas no estudo. Ao nível da constituição das fratrias, o facto de algumas crianças das amostras em estudo terem irmãos e outras não, deve conduzir a uma análise cautelosa dos dados encontrados. Outra limitação do presente estudo consiste no facto de um dos cuidadores da amostra de crianças em risco ser a irmã, e não o pai ou a mãe, o que pode conduzir a interpretações menos corretas ao nível das representações dos cuidadores, neste caso particular. Também a abrangência da faixa etária das amostras em estudo (entre os 7 e os 11 anos) é uma limitação, devido aos possíveis efeitos da idade nos resultados, decorrentes de uma abordagem diferente, por parte das crianças, à aplicação dos instrumentos.

Os motivos de sinalização são, igualmente, outra limitação do estudo, já que a prevalência de sinalizações motivadas pela negligência não permite a exploração dos efeitos de outros tipos de maus-tratos nas representações do *self* e da família. Também o facto de todas as crianças da amostra em risco estarem a ser acompanhadas em Centros de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental pode resultar em dados já influenciados pelos efeitos das intervenções.

## **Implicações para a Clínica**

A importância do estudo das representações de família e, principalmente, dos cuidadores principais, em crianças na faixa etária considerada, prende-se com a influência que estas têm na construção de *modelos do funcionamento interno*, representações mentais que permitem aos indivíduos abordar as novas experiências relacionais de forma congruente com a história das experiências relacionais passadas. Assim, o estudo da influência das representações negativas dos cuidadores na forma como os indivíduos abordam as relações futuras é importante para uma intervenção ao nível das representações dos cuidadores e do *self*, que previna ou corrija problemas comportamentais e nas relações sociais.

O estudo das representações do *self*, dada a sua influência, quer em termos relacionais, quer em termos do desenvolvimento de competências ao longo do desenvolvimento, surge como relevante, já que estas podem ter influência no desenvolvimento de psicopatologia na infância e juventude, para além da sua influência no ajustamento psicossocial e no bem-estar da criança ou do jovem.

Também a intervenção na prevenção da perpetuação de ciclos relacionais disfuncionais intergeracionais é fundamental, para evitar que as crianças que hoje elaboram representações negativas de si e dos cuidadores, amanhã se tornem cuidadores que vão perpetuar os modelos relacionais experienciados na infância. A intervenção dos técnicos nestes ciclos tem uma influência marcada, quer em termos da família, quer em termos sociais.

Este estudo permite-nos refletir sobre a importância das medidas de apoio à família em contextos de risco, para além da importância da promoção de *fatores protetores* que possam intervir na diminuição do risco. Um exemplo seriam os programas de promoção de competências parentais, que potenciam capacidades dos cuidadores, contribuindo para uma diminuição das situações de risco. O presente estudo permite, ainda, refletir sobre a importância do trabalho junto da comunidade e com as instituições de referência em matérias de infância e juventude e as suas consequências.

As diferenças encontradas entre crianças do sexo feminino e do sexo masculino, sobretudo ao nível da abordagem aos conflitos e à resolução dos problemas, fornecem pistas para a importância de intervenções focadas nas especificidades destes grupos.

Uma das implicações para a prática clínica mais relevante é a importância das intervenções terapêuticas precoces, prévias à consolidação de modelos do funcionamento interno negativos do *self* e dos cuidadores (Toth, Cicchetti, MacFie, Maughan & Vanmeenen, 2000). A intervenção com recurso às terapias narrativas, pode ser relevante, na re-construção de narrativas do próprio, dos outros e das relações mais positivas e adaptativas, prevenindo ou evitando a expressão de problemas emocionais, comportamentais e nas relações sociais, das crianças que experienciaram vivências de maus-tratos.

Por fim, mas não menos importante, é o facto do presente estudo reiterar a importância da família no ajustamento e no desenvolvimento da criança ao longo da

vida, para além da importância do trabalho com famílias, sobretudo em contextos de vulnerabilidade.

### **Implicações para a Investigação**

No que respeita à investigação futura, parece-nos importante a condução de estudos que possam superar as limitações apontadas anteriormente, nomeadamente no que respeita à dimensão e heterogeneidade da amostra.

Parece-nos importante aprofundar as diferenças entre sexos nas variáveis em estudo, com destaque para as representações do *self* e para as narrativas elaboradas a partir de breves inícios de histórias. Também a influência da configuração estrutural familiar nas representações de família, especialmente nas representações dos cuidadores e do clima relacional familiar, e a influência do número de irmãos nas representações da fratria, seriam dados importantes a aprofundar. Seria igualmente relevante perceber se existem especificidades nas representações do *self* e nas representações parentais dos cuidadores de crianças em risco e, conseqüentemente, estudar a transmissão intergeracional destes padrões, que se apresentariam como dados importantes para a prevenção e intervenção junto das crianças em risco. Consideramos como pertinente para a investigação futura, o estudo do efeito distinto dos maus-tratos nas representações positivas e nas representações negativas dos cuidadores. A investigação de um possível efeito mediador, como a importância conferida às expressões afetivas, ou a idealização parental, seria importante neste contexto. Também a compreensão de uma eventual permanência ou mudança destas diferenças ao nível das representações negativas e positivas na adolescência e no jovem adulto, evidencia-se como relevante.

A investigação de doutoramento em curso, no qual o presente estudo se enquadrou, será fundamental para o aprofundamento desta temática, na medida em que permitirá analisar a associação entre bem-estar e sofrimento psicológico das crianças e representações de família, bem como estudar os indicadores de trajetórias (in)adaptativas do desenvolvimento de crianças em contextos de risco e a convergência/divergência entre estes indicadores provenientes da perceção dos cuidadores e os das próprias crianças.

## Referências

---

- Aldgate, J., & Jones, D. (2006). The place of attachment in children's development. In J. Aldgate, D. Jones, W. Rose, & C. Jeffery (Eds.) *The Developing World of the Child*. (pp. 67-97). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Alberto, I. M. (2004). *Maltrato e Trauma na Infância*. Coimbra: Almedina
- Azevedo, M. C. & Maia, A. C. (2006). *Maus-Tratos à Criança*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Barnett, D., Ganiban, J., & Cicchetti, D. (1999). Maltreatment, negative expressivity, and the development of type D attachments from 12 to 24 months of age. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 97-118.
- Bazeley, P. (2007). *Qualitative Data Analysis with Nvivo*. SAGE Publications.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. Vol. 2: Separation: Anxiety and anger. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Bretherton, I., Biringen, Z., Ridgeway, D., Maslin, C., & Sherman, M. (1989). Attachment: The parental perspective. *Infant Mental Health Journal*, 10(3), 203-221.
- Bretherton, I. (1990). Communication patterns, internal working models, and the intergenerational trans-mission of attachment relationships. *Infant Mental Health Journal*, 11, 237-252.
- Bretherton, I., Oppenheim, D., Buchsbaum, H., Emde, R. N., & the MacArthur Narrative Group (1990). *MacArthur Story-Stem Battery*. Manual não publicado.
- Bretherton, I., & Oppenheim, D. (2003). The MacArthur Story Stem Battery: Development, Administration, Reliability, Validity, and Reflections about Meaning. In R. N. Emde, D. Oppenheim, and D. Wolf (Eds.). *Revealing the Inner Worlds of Young Children: The MacArthur Story Stem Battery and Parent-Child Narratives*, 55-80. Oxford University Press.

- Calheiros, M., & Monteiro, M. B. (2000). Mau trato e negligência parental: Contributos para a definição social dos conceitos. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34, 145-176.
- Cassidy, J. (1988). Child-mother attachment and the self in six-year-olds. *Child development*, 121-134.
- Collins, W. A., Hennighausen, K., Madsen, S., & Roisman, G. (1998). *Dyadic Coding of Couple Interactions: Rating Qualitative Features of Close Relationships: Institute of Child Development*. University of Minnesota.
- Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (n.d.). *Promoção e Proteção dos Direitos das Crianças: guia de orientações para os profissionais da ação social na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo*. Consultado em <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?12.08.01> a 20 de Agosto de 2013.
- Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (n.d.). *Sistema de Proteção Português*. Consultado em <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?12.02> a 20 de Agosto de 2013.
- Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (n.d.). *Conceito de Risco/Perigo*. Consultado em <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?13.02> a 20 de Agosto de 2013.
- Corman, L. (1982). *Le test du dessin de famille*. Presses Universitaires de France.
- Department of Health (2000). *Framework for the assessment of the children in need and their families*. London: The Stationery Office.
- Direção-Geral de Saúde (2011). *Maus Tratos em Crianças e Jovens: guia prático de abordagem, diagnóstico e intervenção*. Edição: Direcção-Geral da Saúde, Divisão de Comunicação e Promoção da Saúde no Ciclo de Vida. Consultado em <http://www.dgs.pt/ms/11/default.aspx?id=5526> a 20 de Agosto de 2013.
- Dubois-Comtois, K. & Moss, E. (2008). Beyond the dyad: do family interactions influence children's attachment representations in middle childhood? *Attachment & Human Development*, 10(4), 415–431.

- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Ed.). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. (pp. 123-158). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- George, C. (1996). A representational perspective of child abuse and prevention: Internal working models of attachment and caregiving. *Child Abuse & Neglect*, 20(5), 411-424.
- Hankin, B. L., & Abramson, L. Y. (2001). Development of gender differences in depression: An elaborated cognitive vulnerability–transactional stress theory. *Psychological bulletin*, 127(6), 773.
- Hillesheim, B., & Cruz, L. D. (2008). Risco, vulnerabilidade e infância: algumas aproximações. *Psicologia & Sociedade*, 20(2), 192-199.
- Holmberg, J., Robinson, J., Corbitt-Price, J., & Wiener, P. (2007). Using narratives to assess competencies and risks in young children: Experiences with high risk and normal populations. *Infant mental health journal*, 28(6), 647-666.
- Howe, D. (2005). *Child Abuse And Neglect: Attachment, Development And Intervention*. New York: Palgrave Macmillan Pages.
- Kaufman, J., & Cicchetti, D. (1989). Effects of maltreatment on school-age children's socioemotional development: assessments in a day-camp setting. *Developmental Psychology*, 25(4), 516.
- Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo. Diário da República – 1ª Série – A, 204 (1999-09-01), 6115
- Macfie, J., Toth, S. L., Rogosch, F. A., Robinson, J., Emde, R. N., & Cicchetti, D. (1999). Effect of maltreatment on preschoolers' narrative representations of responses to relieve distress and of role reversal. *Developmental Psychology*, 35(2), 460-465.
- McCrone, E. R., Egeland, B., Kalkoske, M. & Carlson, E. A. (1994). Relations between early maltreatment and mental representations of relationships assessed with projective storytelling in middle childhood. *Development and Psychopathology*, 6, 99-120.

- Melo, A., & Alarcão, M. (2009). Centros de apoio familiar e aconselhamento parental: Proposta de um modelo global de organização. *Psicologia & Sociedade*, 21, 55-64.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Moller, L. C., Hymel, S., & Rubin, K. H. (1992). Sex typing in play and popularity in middle childhood. *Sex Roles*, 26(7-8), 331-353.
- Oppenheim, D., Emde, R.N., & Warren, S. (1997). Children's narrative representations of mothers: Their development and associations with child and mother adaptation. *Child Development*, 68, 127-138.
- Organização Mundial de Saúde (2006). *Prevención del Maltrato Infantil: qué hacer, y cómo obtener evidencias*. Consultado em [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/publications/violence/child\\_maltreatment/en/index.html](http://www.who.int/violence_injury_prevention/publications/violence/child_maltreatment/en/index.html) a 20 de Agosto de 2013.
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. SAGE Publications.
- Pereira, P. M. & Santos, S. V. (2011). Conceptualização de Situações de Mau Trato: Da Lei de Proteção à Avaliação Psicossocial. In M. M. Calheiros, M. V. Garrido & S. V. Santos (Eds.) *Crianças e, Risco e Perigo: Contextos, Investigação e Intervenção* (pp. 16-31). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Piperno, F., Di Biasi, S., & Levi, G. (2007). Evaluation of family drawings of physically and sexually abused children. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 16(6), 389-397.
- Reis, V. & Castro, P. (2011). Aceitação e Resistência face à Inovação Legislativa: Um Estudo com Técnicos das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens e Lares de Infância e Juventude. In M. M. Calheiros, M. V. Garrido & S. V. Santos (Eds.) *Crianças e, Risco e Perigo: Contextos, Investigação e Intervenção* (pp. 33-58). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Edições Afrontamento.

- Robinson, J., Mantz-Simmons, L., MacFie, J., Kelsay, K. & the MacArthur Narrative Working Group (2001). *The narrative coding manual*. Manuscrito não publicado.
- Rose, A. J., & Rudolph, K. D. (2006). A review of sex differences in peer relationship processes: potential trade-offs for the emotional and behavioral development of girls and boys. *Psychological bulletin*, 132(1), 98.
- Salzinger, S., Feldman, R. S., Hammer, M., & Rosario, M. (1993). The effects of physical abuse on children's social relationships. *Child development*, 64(1), 169-187.
- Scannapieco, M. & Connel-Carrick, K. (2005). *Understanding Child Maltreatment: An Ecological and Developmental Perspective*. Oxford University Press.
- Shiakou, M. (2012). Representations of Attachment Patterns in the Family Drawings of Maltreated and Non-maltreated Children. *Child Abuse Review*, 21(3), 203-218.
- Shields, A., & Cicchetti, D. (1998). Reactive aggression among maltreated children: The contributions of attention and emotion dysregulation. *Journal of clinical child psychology*, 27(4), 381-395.
- Shields, A., Ryan, R. M., & Cicchetti, D. (2001). Narrative representations of caregivers and emotion dysregulation as predictors of maltreated children's rejection by peers. *Developmental Psychology*, 37(3), 321.
- Soares, I. (Ed.) (2007). *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L. (2005). *Famílias multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Stadelmann, S., Perren, S., Wyl, A., Klitzing, K., (2007). Associations between family relationships and symptoms/strengths at kindergarten age: what is the role of children's parental representations? *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(10), 996-1004.
- Stadelmann, S., Perren, S., Groeben, M & Klitzing, K. (2010). Parental Separation and Children's Behavioral/Emotional Problems: The Impact of Parental Representations and Family Conflict. *Family Process*, 49(1), 92-108.

- Sroufe, L. A., Coffino, B., & Carlson, E. A. (2010). Conceptualizing the role of early experience: Lessons from the Minnesota Longitudinal Study. *Developmental Review, 30*, 36-51.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., & Emde, R. N. (1997). Representations of self and other in the narratives of neglected, physically abused, and sexually abused preschoolers. *Development and Psychopathology, 9*(4), 781-796.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., Rogosch, F. A., & Maughan, A. (2000). Narrative representations of moral-affiliative and conflictual themes and behavioral problems in maltreated preschoolers. *Journal of Clinical Child Psychology, 29*(3), 307-318.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., MacFie, J., Maughan, A., & Vanmeenen, K. (2000). Narrative representations of caregivers and self in maltreated pre-schoolers. *Attachment & Human Development, 2*(3), 271-305.
- Toth, S. L., Maughan, A., Manly, J. T., Spagnola, M., & Cicchetti, D. (2002). The relative efficacy of two interventions in altering maltreated preschool children's representational models: Implications for attachment theory. *Development and psychopathology, 14*(4), 877-908.
- Veltman, M. W., & Browne, K. D. (2001). Identifying childhood abuse through favorite kind of day and kinetic family drawings. *The Arts in psychotherapy, 28*(4), 251-259.
- Waldinger, R. J., Toth, S. L., & Gerber, A. (2001). Maltreatment and internal representations of relationships: Core relationship themes in the narratives of abused and neglected preschoolers. *Social Development, 10*(1), 41-58.

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA**

Um estudo comparativo entre crianças em contextos familiares de risco e  
em contextos familiares normativos

**APÊNDICES E ANEXOS**

**Inês Sofia Cabrela Machado**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2013**



**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA**

Um estudo comparativo entre crianças em contextos familiares de risco e  
em contextos familiares normativos

**APÊNDICES E ANEXOS**

**Inês Sofia Cabrela Machado**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Santa Bárbara Narciso

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2013**



## **Apêndices**

*Apêndice I – Questionário de dados biográficos*

*Apêndice II – The MacArthur Story Stem Battery (histórias)*

*Apêndice III – Desenho da Família (questões)*

*Apêndice IV – Pedido de colaboração no estudo*

*Apêndice V – Consentimento informado*

*Apêndice VI – Árvore de categorias*

*Apêndice VII – Outputs Nvivo10*

## **Anexos**

*Anexo A – The MacArthur Narrative Coding Manual (excertos)*



# *APÊNDICES*



## APÊNDICE I – Questionário de dados biográficos

### QUESTIONÁRIO BIOGRÁFICO (Amostra de crianças sinalizadas)

Data \_\_\_\_\_

#### 1. Sexo

Masculino

Feminino

#### 2. Data de Nascimento

\_\_\_\_\_

#### 3. Escolaridade

Pré-Escolar

1º ano

2º ano

3º ano

4º ano

5º ano

6º ano

7º ano

#### 4. Zona de Residência Habitual

Norte  Centro Norte  Centro Sul  Alentejo

Algarve  R. A. Madeira  R. A. Açores  Outra  Qual? \_\_\_\_\_

#### 5. Filiação

	Idade	Habitações Literárias	Profissão
Mãe			
Pai			

#### 6. Figuras Parentais Responsáveis

Parentesco	Idade	Habitações Literárias	Profissão

#### 7. Fratria

Sexo	Idade	Escolaridade	Observações

## 8. História de Saúde

8.1. A criança teve/tem algum diagnóstico de doença física?

Não  Sim

Se sim, qual/quais? \_\_\_\_\_

8.2. A criança teve/tem algum diagnóstico de doença psicológica?

Não  Sim

Se sim, qual/quais? \_\_\_\_\_

8.3. A criança teve/tem acompanhamento psicológico/psiquiátrico?

Não  Sim

Se sim, qual/quais? \_\_\_\_\_

## 9. História do Desenvolvimento

9.1. Alimentação

---

---

---

9.2. Sono

---

---

---

9.3. Desenvolvimento psicomotor

---

---

---

9.4. Linguagem

---

---

---

9.5. Controlo dos Esfincteres

---

---

---

## 9.6. Aprendizagem

---

---

---

## 9.7. Desenvolvimento Psicossocial

---

---

---

## 10. Situação de Sinalização

10.1. Data da sinalização \_\_/\_\_/\_\_\_\_

10.2. Motivo da sinalização

---

---

10.3. Qual a Medida de Protecção e Promoção?

---

---

10.4. Qualidade da relação da criança com os pais/cuidadores familiares

Muito negativa

Negativa

Positiva

Muito positiva

10.9. Na família, em geral, a criança mostra-se:

Muito Insatisfeita  Satisfeita

Insatisfeita  Muito Satisfeita



## QUESTIONÁRIO BIOGRÁFICO (Amostra normativa)

Data \_\_\_\_\_

### 1. Sexo

Masculino

Feminino

### 2. Data de Nascimento

\_\_\_\_\_

### 3. Escolaridade

Pré-Escolar

1º ano

2º ano

3º ano

4º ano

5º ano

6º ano

7º ano

### 4. Zona de Residência Habitual

Norte

Centro Norte

Centro Sul

Alentejo

Algarve

R. A. Madeira

R. A. Açores

Outra  Qual? \_\_\_\_\_

### 5. Filiação

	Idade	Habitações Literárias	Profissão
<b>Mãe</b>			
<b>Pai</b>			

### 7. Fratria

Sexo	Idade	Escolaridade	Observações

### 8. História de Saúde

8.1. A criança teve/tem algum diagnóstico de doença física?

Não  Sim

Se sim, qual/quais? \_\_\_\_\_

**8.2.** A criança teve/tem algum diagnóstico de doença psicológica?

Não  Sim

Se sim, qual/quais? \_\_\_\_\_

**8.3.** A criança teve/tem acompanhamento psicológico/psiquiátrico?

Não  Sim

Se sim, qual/quais? \_\_\_\_\_

## **9. História do Desenvolvimento**

### **9.1. Alimentação**

---

---

---

### **9.2. Sono**

---

---

---

### **9.3. Desenvolvimento psicomotor**

---

---

---

### **9.4. Linguagem**

---

---

---

### **9.5. Controlo dos Esfíncteres**

---

---

---

### **9.6. Aprendizagem**

---

---

---

### **9.7. Desenvolvimento Psicossocial**

---

---

---

**10.7. Qualidade da relação da criança com os pais**

Muito negativa

Negativa

Positiva

Muito positiva

**10.9. Na família, em geral, a criança mostra-se:**

Muito Insatisfeita  Satisfeita

Insatisfeita  Muito Satisfeita



## ***APÊNDICE II – The MacArthur Story Stem Battery (histórias)***

### **História nº 1 – “Sumo entornado”**

“A Família está toda com sede e vão beber um pouco de sumo. Põe lá a família à volta da mesa para que possam beber o sumo.”

“Aqui está a família toda reunida a beber o sumo, muito bem.”

“ Ah! O/A (X) derramou o sumo! E agora o que é que acontece? Mostra-me.”

### **História nº 2 – “Cão perdido/Reunião com o cão”**

“O/A (X) está ansioso/a por ir brincar com o seu cão (Y – nome do cão) desde que se levantou esta manhã:

- Mãe, vou lá para fora brincar com o (Y)!

- Está bem (X).

E lá vai ele então para o quintal.

- Oh não! O (Y) desapareceu!

Diz-me agora o que aconteceu a seguir.”

### **História nº 3 – “Três é uma multidão”**

“O Pai e a Mãe estão a conversar com os vizinhos e o/a (X) está a brincar com um amigo/a, o (Y) e a sua bola nova. Mostra-me como é que eles jogam à bola.”

“Eles estavam a jogar com a bola nova do Y e apareceu a irmã/irmão do (X) e disse:

- Posso jogar convosco?

- Sim, claro! - disse o/a (X)

- Nem pensar! Se deixas a tua irmã/irmão jogar nunca mais sou tua/teu amiga/o!

Mostra-me o que acontece a seguir.”

### **História nº 5 – “Molho quente”**

“A mãe e o/a (X) estão no fogão e o pai e o/a (Y) estão sentados à mesa. A mãe diz à/ao (X):

- Vamos ter um jantar muito bom hoje mas ainda não está pronto. Não te aproximes muito do fogão!

- Mmmm parece tão bom! Não me apetece esperar, quero um bocadinho agora! ( e tira a panela de cima do fogão) Ai!! Queimei-me!! Dói-me!! Diz-me o que acontece agora.”

### **História nº 7 – “As chaves perdidas”**

“O (X) entrou na sala e viu os pais a olharem assim um para o outro (fazer cara de quem está zangado).

Mãe- Perdeste as minhas chaves!

Pai – Não, não perdi!

Mãe – Perdeste sim, perdes sempre as minhas chaves!

Pai – Desta vez não as perdi!

Diz-me o que acontece a seguir.”

### **História nº 9 – “História de Partida/Reunião”**

“O/A (X) e o/a (Y) foram lá para fora brincar. Sabes o que é que eu acho? Acho que o pai e a mãe vão viajar. O carro está estacionado em frente à casa (mostrar o carro).

Mãe – Meninos, o pai e a mãe vão viajar. Vemo-nos amanhã. A avó fica convosco (mostrar a avó).

“Lá vão eles, adeus!”

Mostra-me o que acontece agora.”

### **História nº 11 – “Mestria/Orgulho”**

“Hoje vão todos ao parque em conjunto.

- Olhem uma rocha enorme! Vou escalar até ao topo!

Mãe – A sério? Tem cuidado!!

Diz-me o que acontece agora.”

## *APÊNDICE III – Desenho da Família (questões)*

### **Desenho da Família**

1. Quem é o mais e menos bondoso da família e porquê?
2. Quem é o mais e menos feliz e porquê?
3. De quem a criança gosta mais e menos? Porquê?
4. Qual o papel de cada um na família?
  - a. Quem põe a mesa?
  - b. Quem arruma a cozinha?
  - c. Quem castiga? Como castiga?
  - d. Quem trata da(s) criança(s)?
5. Situações:
  - a. S1 – Organizar a festa de aniversário de um dos filhos. Quem faz o quê?
  - b. S2 – A televisão avariou. Quem resolve o assunto e como?
  - c. S3 –Dilema Moral – O carro da família bate num carro parado a estacionar. Como resolvem a situação?
6. Figura de identificação:
  - a. “Se tu fizesses parte desta família quem serias tu?  
  
OU
  - b. “Vamos fazer um jogo, vamos jogar a ser desta família. Qual destas pessoas é que tu queres ser?”



## *APÊNDICE IV – Pedido colaboração no estudo*

UNIVERSIDADE DE LISBOA



Faculdade de Psicologia  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

No âmbito do programa de Doutoramento em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, a psicóloga Andreia Baptista está a realizar uma investigação cuja temática é a “Adaptação e Desenvolvimento Psicológico de Crianças em Contextos de Vulnerabilidade”. A investigação conta com a supervisão científica da Professora Doutora Isabel Narciso e da Professora Doutora Rosa Novo.

Pretende-se com esta investigação analisar e compreender, no contexto sociocultural português, indicadores de adaptação das crianças – designadamente, bem-estar emocional, padrões de vinculação e capacidades e dificuldades -, bem como potenciais factores influentes nos padrões adaptativos e relacionais, comuns e diferenciais a três situações não normativas de vulnerabilidade – sinalização, institucionalização e adoção.

O presente estudo contará com quatro amostras de crianças com idades compreendidas entre os 6 aos 12 anos - em situação de risco ou perigo, sinalizadas pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens; em situação de acolhimento institucional; adoptadas e em situação familiar normativa.

A participação no estudo é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para os intervenientes, podendo ser interrompida a qualquer momento, se assim o desejarem. Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos e serão tratados de forma global e não individualizada.

A participação das crianças consistirá na resposta aos seguintes instrumentos de avaliação: Matrizes Progressivas Coloridas de Raven – MPCR; CAT – H; CECA-D; Desenho da Família; McArthur Story Stem Battery; Questionário de Dados Biográficos. A participação terá duração de cerca de duas sessões de 50 minutos (dependendo das características da criança).

A investigação na área da Psicologia contribui para um melhor conhecimento de determinadas populações e grupos com vista à estruturação de intervenções mais eficazes junto das mesmas.

Assim, pede-se a colaboração da Comissão Nacional de Crianças e Jovens no sentido de autorizar a recolha da amostra junto das crianças sinalizadas.

A vossa colaboração no estudo é de extrema importância, constituindo um contributo fundamental para aprofundar o conhecimento sobre esta temática.

Para qualquer esclarecimento sobre a investigação poderá contactar a investigadora através do endereço de e-mail: [amclbaptista@gmail.com](mailto:amclbaptista@gmail.com). Poderá recorrer ao mesmo endereço eletrónico caso queira mais tarde obter informação sobre os resultados globais desta investigação.

Grata pela atenção dispensada,

Melhores cumprimentos

A investigadora,

As orientadoras de doutoramento,

## *APÊNDICE V – Consentimento Informado*

### **Consentimento Informado**

A investigação para a qual apelamos à sua colaboração está a ser realizada pela psicóloga Andreia Baptista no âmbito do programa de Doutoramento em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa com a temática “Adaptação e Desenvolvimento Psicológico de Crianças em Contextos de Vulnerabilidade”. A investigação de doutoramento é orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso e pela Professora Doutora Rosa Novo da FPUL.

Pretende-se, com esta investigação, analisar e compreender, no contexto sociocultural português, indicadores de adaptação das crianças – designadamente, bem-estar emocional, padrões de vinculação e capacidades e dificuldades -, bem como potenciais factores influentes nos padrões adaptativos e relacionais, comuns e diferenciais a três situações não normativas de vulnerabilidade – sinalização, institucionalização e adoção.

A investigação na área da Psicologia contribui para um melhor conhecimento de determinadas populações e grupos com vista à estruturação de intervenções mais eficazes junto das mesmas. Assim, realçamos que a sua participação é de extrema importância, constituindo um contributo fundamental para aprofundar o conhecimento sobre esta temática para que no futuro se possa vir a prestar uma ajuda mais eficaz.

Solicitamos a sua autorização para a participação do(s) seu(s) filho(s)/menor(es) a seu cargo, caso tenha(m) idade(s) compreendida(s) entre os 6 e os 12 anos. A participação das crianças implica a gravação em áudio das duas sessões de aplicação do protocolo de investigação, as quais têm uma duração de cerca de 50 minutos.

A participação no estudo é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para si ou para a criança, podendo ser interrompida a qualquer momento, se assim o desejar, sem que daí resulte qualquer prejuízo para si ou para o(s) seu(s) filho(s). Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos e serão tratados de forma global e não individualizada.

A participação nesta investigação implica a resposta a um conjunto de instrumentos de avaliação indispensáveis para atingir os objetivos da mesma.

Poderá esclarecer as suas dúvidas sobre a investigação quer no momento da sua participação quer através do endereço de e-mail: [amclbaptista@gmail.com](mailto:amclbaptista@gmail.com). Poderá

recorrer ao mesmo endereço eletrónico caso queira mais tarde obter informação sobre os resultados globais desta investigação

Grata pela sua atenção,

A investigadora,

Andreia Baptista

---

## **Consentimento Informado**

Para os devidos efeitos declaro que autorizo o(s) meu(s) filho(s)/ )/menor(es) a seu cargo a participar na investigação no âmbito do programa de Doutoramento em Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa com a temática “Adaptação e Desenvolvimento Psicológico de Crianças em Contextos de Vulnerabilidade”.

O Encarregado de Educação,

---

Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_



## APÊNDICE VI – Árvore de Categorias

Quadro 1 – Árvore de Categorias

<b>Desenho</b>	20	263	24-09-2013 16:25	IM
<b>Conteúdo</b>	20	224	24-09-2013 17:03	IM
Tendência Negativa	20	41	24-09-2013 17:06	IM
Menor Generosidade	19	19	24-09-2013 17:24	IM
Menos Feliz	20	22	24-09-2013 22:12	IM
Tendência Positiva	20	40	24-09-2013 17:06	IM
Maior Generosidade	20	20	24-09-2013 17:24	IM
Mais Feliz	20	20	24-09-2013 17:38	IM
<b>Figura Identificação</b>	20	20	01-10-2013 14:51	IM
Outro	7	7	01-10-2013 14:52	IM
Imaginário	2	2	01-10-2013 14:53	IM
Real	5	5	01-10-2013 14:52	IM
Cão	1	1	04-10-2013 0:35	IM
Irmã	1	1	01-10-2013 15:10	IM
Irmão	1	1	01-10-2013 15:10	IM
Mãe	1	1	01-10-2013 15:10	IM
Pai	0	0	01-10-2013 15:10	IM
Tio	1	1	01-10-2013 15:26	IM
Próprio	14	14	01-10-2013 14:51	IM
<b>Forma</b>	20	20	24-09-2013 17:01	IM
Figuras	20	20	24-09-2013 17:28	IM
Animal Estimação	2	2	02-10-2013 19:35	IM
Avó	6	6	30-09-2013 11:29	IM
Avô	5	5	30-09-2013 11:29	IM
Filho Correspondente Próprio	20	20	24-09-2013 17:28	IM
Irmã	5	5	26-09-2013 10:38	IM
Irmão	10	10	30-09-2013 11:29	IM
Irmãos	2	2	24-09-2013 17:28	IM
Irmãs	1	1	28-09-2013 20:58	IM
Mãe	15	15	24-09-2013 17:28	IM
Padrasto	2	2	28-09-2013 15:59	IM
Pai	13	13	24-09-2013 17:28	IM
Prima	4	4	30-09-2013 11:29	IM
Primo	4	4	28-09-2013 20:58	IM
Tia	4	4	30-09-2013 11:30	IM
Tio	3	3	30-09-2013 11:30	IM
<b>Tipo</b>	20	23	24-09-2013 17:09	IM
Alterada	13	15	24-09-2013 17:11	IM
Acrescenta Irmã	1	1	28-09-2013 20:59	IM
Acrescenta Irmão	2	2	24-09-2013 17:18	IM
Acrescenta Primo	2	2	28-09-2013 20:58	IM
Omite Irmã	3	3	03-10-2013 18:38	IM
Omite Irmão	2	2	28-09-2013 15:58	IM
Corrigida	1	1	28-09-2013 15:59	IM
Não Corrigida	0	0	28-09-2013 15:59	IM

Omite Irmãs	1	1	04-10-2013 0:18	IM
Omite Madrasta	1	1	28-09-2013 22:55	IM
Omite Mãe	4	4	30-09-2013 15:25	IM
Omite Pai	4	4	30-09-2013 10:32	IM
Equivalente	7	7	24-09-2013 17:09	IM
<b>MacArthur Story Stem Battery</b>	20	189	24-09-2013 16:25	IM
<b>Coerência Narrativa</b>	20	142	24-09-2013 16:50	IM
Coerente	20	135	26-09-2013 15:04	IM
Incoerente	4	5	24-09-2013 22:35	IM
<b>Conteúdo Narrativa</b>	20	160	24-09-2013 16:52	IM
Agressividade Desregulada	5	15	04-10-2013 12:53	IM
Agressor-agredido	5	6	04-10-2013 12:53	IM
Adulto-Criança	2	2	04-10-2013 12:53	IM
Criança-Adulto	2	2	04-10-2013 12:53	IM
Criança-Criança	1	1	04-10-2013 12:53	IM
Outros	1	1	04-10-2013 12:53	IM
Tipo Agressão	5	10	04-10-2013 12:53	IM
Agressão Física	5	6	04-10-2013 12:53	IM
Ameaça Pessoal	1	1	04-10-2013 12:53	IM
Destruição Objetos	2	3	04-10-2013 12:55	IM
Conflito Interpessoal	7	10	24-09-2013 16:28	IM
Competição	3	3	24-09-2013 16:29	IM
Conflito Verbal	3	5	24-09-2013 16:31	IM
Exclusão dos Outros	2	2	24-09-2013 16:30	IM
Rivalidade-Ciúme	3	3	24-09-2013 16:29	IM
Emoções Negativas	20	73	21-10-2013 12:42	IM
Ciúme	4	4	21-10-2013 12:42	IM
Culpa	19	42	21-10-2013 12:42	IM
Desprezo	4	4	21-10-2013 12:42	IM
Fadiga	1	1	21-10-2013 12:42	IM
Infelicidade	1	1	21-10-2013 12:42	IM
Medo	8	13	21-10-2013 12:42	IM
Preocupação	8	11	21-10-2013 12:42	IM
Raiva	1	3	21-10-2013 12:42	IM
Tristeza	14	24	21-10-2013 12:42	IM
Vergonha	3	3	21-10-2013 12:42	IM
Emoções Positivas	19	68	21-10-2013 12:42	IM
Alegria	15	23	21-10-2013 12:42	IM
Alívio	8	16	21-10-2013 12:42	IM
Calma	5	6	21-10-2013 12:42	IM
Divertimento	19	40	21-10-2013 12:42	IM
Entusiasmo	10	12	21-10-2013 12:42	IM
Excitação	2	2	21-10-2013 12:42	IM
Felicidade	4	5	21-10-2013 12:42	IM
Gratidão	4	6	21-10-2013 12:42	IM
Orgulho	7	9	21-10-2013 12:42	IM
Relaxamento	2	2	21-10-2013 12:42	IM
Surpresa	4	4	21-10-2013 12:42	IM
Perigo	11	19	24-09-2013 16:43	IM
Continuação Perigo	6	6	24-09-2013 22:15	IM

Novo Perigo	8	13	24-09-2013 22:15	IM
Processo Resolução Problema	20	154	26-09-2013 15:08	IM
Eficaz	20	133	26-09-2013 15:24	IM
Ação Família	20	88	25-09-2013 16:35	IM
Avó	17	18	26-09-2013 15:36	IM
Irmã	4	8	29-09-2013 16:16	IM
Irmão	6	7	30-09-2013 12:09	IM
Mãe	14	25	26-09-2013 14:53	IM
Mãe e Pai	14	28	26-09-2013 15:36	IM
Pai	8	14	26-09-2013 12:45	IM
Ação Mágica	9	9	25-09-2013 16:34	IM
Ação Própria	20	87	25-09-2013 16:35	IM
Ação Terceiros	7	10	26-09-2013 15:33	IM
Estratégias Confronto	20	139	04-10-2013 12:07	IM
Assimilação	20	109	04-10-2013 12:07	IM
Evitamento	3	5	24-09-2013 22:30	IM
Mistas	8	24	04-10-2013 12:11	IM
Ineficaz	3	6	26-09-2013 15:28	IM
Mudança Problema	3	6	24-09-2013 22:31	IM
<b>Representações Relações Familiares</b>	20	148	26-09-2013 14:36	IM
Clima Relacional Familiar	17	59	30-09-2013 8:54	IM
Distanciamento Afetivo	7	16	30-09-2013 8:55	IM
Hostilidade	2	2	04-10-2013 13:24	IM
Proximidade Afetiva	12	40	30-09-2013 8:54	IM
Representação Práticas Parentais	20	70	28-09-2013 18:23	IM
Afeto-Aceitação	19	51	28-09-2013 18:36	IM
Aceitação Parental	13	28	28-09-2013 18:36	IM
Rejeição Parental	12	23	28-09-2013 18:37	IM
Hostilidade-Agressão	1	1	28-09-2013 18:37	IM
Indiferença-Negligência	11	16	28-09-2013 18:38	IM
Rejeição Indiferenciada	4	6	28-09-2013 18:38	IM
Controlo Comportamental	18	40	28-09-2013 18:26	IM
Estratégias Coercivas	7	8	28-09-2013 18:29	IM
Estratégias Indutivas	14	32	28-09-2013 18:29	IM
Controlo Psicológico	7	10	28-09-2013 18:28	IM
Cognitivo	0	0	28-09-2013 18:31	IM
Comportamental	2	2	28-09-2013 18:31	IM
Emocional	6	8	28-09-2013 18:31	IM
Representações Cuidadores Principais	20	126	24-09-2013 16:46	IM
Negativas	16	56	24-09-2013 16:47	IM
Ameaça	2	2	29-09-2013 15:01	IM
Mãe	1	1	03-10-2013 19:25	IM
Pai	1	1	29-09-2013 15:01	IM
Ansiosa	1	1	28-09-2013 17:01	IM
Mãe	1	1	28-09-2013 17:03	IM
Ausente	8	21	28-09-2013 17:52	IM
Avó	1	1	29-09-2013 16:02	IM
Mãe	8	21	28-09-2013 17:59	IM
Pai	6	13	28-09-2013 18:00	IM
Disciplina-Controlo	14	27	24-09-2013 16:47	IM

Reparação	Explica Regra Sem Hipótese	5	9	28-09-2013 12:27	IM
	Avó	1	1	28-09-2013 12:28	IM
	Mãe	4	5	28-09-2013 12:28	IM
	Mãe e Pai	1	1	28-09-2013 12:28	IM
	Pai	2	2	28-09-2013 12:28	IM
	Punição Física	3	5	26-09-2013 12:55	IM
	Agressão Física	2	2	29-09-2013 15:45	IM
	Mãe	2	2	26-09-2013 12:56	IM
	Privação Comida	3	3	29-09-2013 15:46	IM
	Avó	1	1	29-09-2013 15:46	IM
	Mãe	1	1	29-09-2013 15:46	IM
	Mãe e Pai	1	1	29-09-2013 15:46	IM
	Punição Verbal	11	12	26-09-2013 12:55	IM
	Isolamento	9	10	28-09-2013 12:40	IM
	Mãe	4	4	28-09-2013 12:40	IM
	Mãe e Pai	4	4	28-09-2013 12:40	IM
	Pai	1	1	28-09-2013 12:40	IM
	Retirada Benefícios	3	3	28-09-2013 15:01	IM
	Mãe	2	2	28-09-2013 15:02	IM
	Mãe e Pai	2	2	28-09-2013 15:02	IM
	Ineficaz	9	18	24-09-2013 22:23	IM
	Mãe	8	9	26-09-2013 12:34	IM
	Mãe e Pai	4	6	26-09-2013 12:34	IM
	Mãe Pai Avó	1	1	26-09-2013 12:34	IM
	Pai	1	1	26-09-2013 12:34	IM
	Rejeitante	3	3	24-09-2013 22:23	IM
	Mãe	2	2	26-09-2013 12:35	IM
	Mãe e Pai	1	1	26-09-2013 12:35	IM
	Mãe e Pai	1	1	28-09-2013 17:37	IM
	Positivas	20	105	24-09-2013 16:46	IM
	Afeto	18	40	24-09-2013 22:22	IM
	Avó	11	11	26-09-2013 12:36	IM
	Mãe	10	12	26-09-2013 12:36	IM
	Mãe e Pai	14	19	26-09-2013 12:36	IM
	Pai	4	8	26-09-2013 12:36	IM
	Ajuda	19	55	24-09-2013 22:22	IM
	Avó	3	3	26-09-2013 12:37	IM
	Mãe	12	20	26-09-2013 12:37	IM
	Mãe e Pai	11	17	26-09-2013 12:37	IM
	Pai	10	15	26-09-2013 12:37	IM
	Competência	8	8	29-09-2013 16:51	IM
	Irmã	1	1	29-09-2013 16:51	IM
	Mãe e Pai	8	8	29-09-2013 16:51	IM
	Cuidador	19	42	24-09-2013 22:21	IM
	Relação Afetiva	15	30	26-09-2013 13:28	IM
	Avó	10	11	26-09-2013 13:29	IM
	Mãe	9	13	26-09-2013 13:29	IM
	Mãe e Pai	3	3	26-09-2013 13:29	IM
	Pai	4	4	26-09-2013 13:29	IM

Relação Funcional	11	14	26-09-2013 13:29	IM
Avó	3	6	26-09-2013 13:30	IM
Irmã	1	1	03-10-2013 19:30	IM
Mãe	6	6	26-09-2013 13:30	IM
Pai	1	1	26-09-2013 13:30	IM
Disciplina-Controlo	18	40	28-09-2013 14:50	IM
Explicam Regra Com Hipótese Reparação	18	40	26-09-2013 12:55	IM
Avó	2	2	25-09-2013 13:05	IM
Irmã	1	1	29-09-2013 16:25	IM
Mãe	12	19	25-09-2013 13:04	IM
Mãe e Pai	9	13	25-09-2013 13:05	IM
Pai	4	6	25-09-2013 13:04	IM
Punição Verbal	8	8	28-09-2013 14:51	IM
Atividade Interiorização Regra	1	1	29-09-2013 16:24	IM
Irmã	1	1	29-09-2013 16:25	IM
Retirada Benefícios	6	6	28-09-2013 14:51	IM
Mãe	3	3	28-09-2013 14:51	IM
Mãe e Pai	3	3	28-09-2013 14:51	IM
Pai	1	1	28-09-2013 14:51	IM
Preocupada	4	4	28-09-2013 18:07	IM
Mãe	4	4	28-09-2013 18:08	IM
Pai	2	2	02-10-2013 22:27	IM
Protetor	8	11	24-09-2013 22:21	IM
Avó	2	2	26-09-2013 12:38	IM
Mãe	3	4	26-09-2013 12:38	IM
Mãe e Pai	1	1	26-09-2013 12:38	IM
Pai	4	4	26-09-2013 12:38	IM
Representações Fratria	17	50	26-09-2013 13:54	IM
Ambivalente	4	4	28-09-2013 16:54	IM
Negativas	9	14	26-09-2013 13:55	IM
Ameaçador	1	1	29-09-2013 15:12	IM
Competição	5	7	29-09-2013 17:23	IM
Culpa	2	2	03-10-2013 10:55	IM
Rejeitante	3	3	26-09-2013 13:55	IM
Severo-Punitivo	1	2	26-09-2013 13:55	IM
Positivas	15	38	26-09-2013 13:55	IM
Afeto	13	28	26-09-2013 13:55	IM
Ajuda	8	11	26-09-2013 13:55	IM
Cuidador	2	3	26-09-2013 13:55	IM
Preocupação	3	3	03-10-2013 0:18	IM
Protetor	3	5	26-09-2013 13:55	IM
<b>Representações Self</b>	20	108	01-10-2013 16:02	IM
Negativas	16	41	01-10-2013 16:03	IM
Auto-Conceito Auto-Eficácia	4	9	01-10-2013 16:04	IM
Culpa	14	29	01-10-2013 16:04	IM
Desonestidade	3	6	03-10-2013 11:21	IM
Positivas	20	81	01-10-2013 16:02	IM
Competência	19	51	01-10-2013 16:03	IM
Honestidade	1	1	09-10-2013 10:30	IM

Reparação	17	38	01-10-2013 16:03	IM
Responsividade Examinador	20	137	24-09-2013 16:51	IM
Envolvimento	20	127	24-09-2013 22:41	IM
Responde quando Questionada	3	10	24-09-2013 22:39	IM
<b>Vinculação insegura - indicadores</b>	17	67	22-10-2013 8:37	IM
Controlo Psicológico	7	10	22-10-2013 8:47	IM
Comportamental	2	2	22-10-2013 8:47	IM
Emocional	6	8	22-10-2013 8:47	IM
Distanciamento Afetivo	7	16	22-10-2013 8:49	IM
Estratégias Coercivas	7	8	22-10-2013 8:42	IM
Hostilidade	2	2	22-10-2013 8:48	IM
Negativas	16	56	22-10-2013 8:44	IM
Ameaça	2	2	22-10-2013 8:45	IM
Mãe	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Pai	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Ansiosa	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Mãe	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Ausente	8	21	22-10-2013 8:45	IM
Avó	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Mãe	8	21	22-10-2013 8:45	IM
Pai	6	13	22-10-2013 8:45	IM
Disciplina-Controlo	14	27	22-10-2013 8:45	IM
Explica Regra Sem Hipótese Reparação	5	9	22-10-2013 8:45	IM
Avó	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Mãe	4	5	22-10-2013 8:45	IM
Mãe e Pai	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Pai	2	2	22-10-2013 8:45	IM
Punição Física	3	5	22-10-2013 8:45	IM
Agressão Física	2	2	22-10-2013 8:45	IM
Mãe	2	2	22-10-2013 8:45	IM
Privação Comida	3	3	22-10-2013 8:45	IM
Avó	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Mãe	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Mãe e Pai	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Punição Verbal	11	12	22-10-2013 8:45	IM
Isolamento	9	10	22-10-2013 8:45	IM
Mãe	4	4	22-10-2013 8:45	IM
Mãe e Pai	4	4	22-10-2013 8:45	IM
Pai	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Retirada Benefícios	3	3	22-10-2013 8:45	IM
Mãe	2	2	22-10-2013 8:45	IM
Mãe e Pai	2	2	22-10-2013 8:45	IM
Ineficaz	9	18	22-10-2013 8:45	IM
Mãe	8	9	22-10-2013 8:45	IM
Mãe e Pai	4	6	22-10-2013 8:45	IM
Mãe Pai Avó	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Pai	1	1	22-10-2013 8:45	IM
Rejeitante	3	3	22-10-2013 8:45	IM
Mãe	2	2	22-10-2013 8:45	IM
Mãe e Pai	1	1	22-10-2013 8:45	IM

Rejeição Parental	12	23	22-10-2013 8:43	IM
Hostilidade-Agressão	1	1	22-10-2013 8:43	IM
Indiferença-Negligência	11	16	22-10-2013 8:43	IM
Rejeição Indiferenciada	4	6	22-10-2013 8:43	IM
<b>Vinculação segura - indicadores</b>	20	114	22-10-2013 8:36	IM
Aceitação Parental	13	28	22-10-2013 8:40	IM
Estratégias Indutivas	14	32	22-10-2013 8:41	IM
Positivas	20	105	22-10-2013 8:39	IM
Afeto	18	40	22-10-2013 8:38	IM
Avó	11	11	22-10-2013 8:38	IM
Mãe	10	12	22-10-2013 8:38	IM
Mãe e Pai	14	19	22-10-2013 8:38	IM
Pai	4	8	22-10-2013 8:38	IM
Ajuda	19	55	22-10-2013 8:38	IM
Avó	3	3	22-10-2013 8:38	IM
Mãe	12	20	22-10-2013 8:38	IM
Mãe e Pai	11	17	22-10-2013 8:38	IM
Pai	10	15	22-10-2013 8:38	IM
Competência	8	8	22-10-2013 8:38	IM
Irmã	1	1	22-10-2013 8:38	IM
Mãe e Pai	8	8	22-10-2013 8:38	IM
Cuidador	19	42	22-10-2013 8:38	IM
Relação Afetiva	15	30	22-10-2013 8:38	IM
Avó	10	11	22-10-2013 8:38	IM
Mãe	9	13	22-10-2013 8:38	IM
Mãe e Pai	3	3	22-10-2013 8:38	IM
Pai	4	4	22-10-2013 8:38	IM
Relação Funcional	11	14	22-10-2013 8:38	IM
Avó	3	6	22-10-2013 8:38	IM
Irmã	1	1	22-10-2013 8:38	IM
Mãe	6	6	22-10-2013 8:38	IM
Pai	1	1	22-10-2013 8:38	IM
Disciplina-Controlo	18	40	22-10-2013 8:38	IM
Explicam Regra Com Hipótese Reparação	18	40	22-10-2013 8:38	IM
Avó	2	2	22-10-2013 8:38	IM
Irmã	1	1	22-10-2013 8:38	IM
Mãe	12	19	22-10-2013 8:38	IM
Mãe e Pai	9	13	22-10-2013 8:38	IM
Pai	4	6	22-10-2013 8:38	IM
Punição Verbal	8	8	22-10-2013 8:38	IM
Retirada Benefícios	6	6	22-10-2013 8:38	IM
Mãe	3	3	22-10-2013 8:38	IM
Mãe e Pai	3	3	22-10-2013 8:38	IM
Pai	1	1	22-10-2013 8:38	IM
Preocupada	4	4	22-10-2013 8:38	IM
Mãe	4	4	22-10-2013 8:38	IM
Pai	2	2	22-10-2013 8:38	IM
Protetor	8	11	22-10-2013 8:38	IM
Avó	2	2	22-10-2013 8:38	IM
Mãe	3	4	22-10-2013 8:38	IM

Mãe e Pai	1	1	22-10-2013 8:38	IM
Pai	4	4	22-10-2013 8:38	IM
Proximidade Afetiva	12	40	22-10-2013 8:40	IM

## APÊNDICE VII – Outputs Nvivo10

### Representações dos Cuidadores Principais X Grupo

Quadro 2 - Representações Cuidadores Principais X Grupo

	CN	CR
Negativas	33,39%	66,07%
Positivas	50,96%	49,04%

### Representações dos Cuidadores Principais X Sexo (Intragrupal)

Quadro 6 - Representações Cuidadores Principais X Sexo (Intragrupal)

	A : Pessoa:Sexo = Feminino	B : Pessoa:Sexo = Masculino
1 : Negativas	33,71%	36,62%
2 : Positivas	66,29%	63,38%

### Representações dos Cuidadores Principais X Grupo X Sexo

Quadro 7 - Representações dos Cuidadores Principais X Grupo X Sexo (Intergrupal)

	A : Raparigas CN	B : Raparigas CR
1 : Negativas	36,67%	63,33%
2 : Positivas	50,85%	49,15%

Quadro 8 - Representações dos Cuidadores Principais X Grupo X Sexo (Intragrupal)

	A : Rapazes CN	B : Rapazes CR
1 : Negativas	30,77%	69,23%
2 : Positivas	52,17%	47,83%

## Representações Negativas dos Cuidadores Principais X Grupo

Quadro 9 - Representações Negativas dos Cuidadores Principais X Grupo

	A : Normativos	B : Sinalizados
1 : Ameaça	0	2
2 : Ansiosa	0	1
3 : Ausente	8	13
4 : Disciplina-Controlo	10	17
5 : Ineficaz	3	15
6 : Rejeitante	2	1
7 : Relacionadas Características Pessoais	0	1

## Representações Positivas dos Cuidadores Principais X Grupo

Quadro 10 - Representações Positivas dos Cuidadores Principais X Grupo

	A : Normativos	B : Sinalizados
1 : Afecto	18	22
2 : Ajuda	30	25
3 : Competência	3	5
4 : Cuidador	21	21
5 : Disciplina-Controlo	21	19
6 : Preocupada	2	2
7 : Protector	6	5
8 : Relacionado com Características Pessoais	0	0

## Representações Práticas Parentais X Grupo

Quadro 11 - Representações Práticas Parentais X Grupo

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Aceitação Parental	19	9
2 : Rejeição Parental	9	14

## Representações do Clima Relacional Familiar X Grupo

Quadro 12 - Representações do Clima Relacional Familiar X Grupo

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Distanciamento Afectivo	25%	75%
2 : Hostilidade	50%	50%
3 : Proximidade Afectiva	67,50%	32,50%

## Representações do Clima Relacional Familiar X Sexo

Quadro 13 - Representações do Clima Relacional Familiar X Sexo (Intragrupal)

	A : Raparigas CN	B : Raparigas CR
1 : Distanciamento Afectivo	28,57%	71,43%
2 : Hostilidade	100%	0%
3 : Proximidade Afectiva	75%	25%

Quadro 14 - Representações do Clima Relacional Familiar X Sexo (Intergrupal)

	A : Rapazes CN	B : Rapazes CR
1 : Distanciamento Afectivo	22,22%	77,78%
2 : Hostilidade	0%	100%
3 : Proximidade Afectiva	60%	40%

## Representações da Fratria X Grupo

Quadro 15 - Representações da Fratria X Grupo

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Negativas	4	10
2 : Positivas	17	21

## Representações Positivas da Fratria X Grupo

Quadro 16 - Representações Positivas da Fratria X Grupo

	A : Normativos	B : Sinalizados
1 : Afecto	13	15
2 : Ajuda	3	8
3 : Cuidador	1	2
4 : Preocupação	0	3
5 : Protector	3	2

## Representações da Fratria X Grupo X Sexo

Quadro 17 - Representações da Fratria X Grupo X Sexo

	A : Raparigas CN	B : Raparigas CR	C : Rapazes CN	D : Rapazes CR
1 : Negativas	21,43%	57,14%	7,14%	14,29%
2 : Positivas	31,58%	36,84%	13,16%	18,42%

## Representações da Fratria X Número de Irmãos

Quadro 18 - Representações da Fratria X Número de Irmãos

	0	1	2	3	4
1 : Negativas	66,67%	9,09%	30%	33,33%	0%
2 : Positivas	33,33%	81,81%	65%	66,67%	50%

## Indicadores/Facilitadores de Vinculação X Grupo

Quadro 19 - Indicadores/Facilitadores de Vinculação X Grupo

	A : VINCULAÇÃO INSEGURA - INDICADORES	B : VINCULAÇÃO SEGURA - INDICADORES
1 : Normativos	23	54
2 : Sinalizados	40	52

## Representações do Self X Grupo (Intergruppal)

Quadro 20 - Representações do Self X Grupo (Intergruppal)

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Negativas	56,76%	43,24%
2 : Positivas	51,90%	48,10%

## Representações do Self X Grupo X Sexo

Quadro 21 - Representações do Self X Grupo X Sexo

	A : Raparigas CN	B : Raparigas CR	C : Rapazes CN	D : Rapazes CR
1 : Negativas	36,59%	26,83%	19,51%	17,07%
2 : Positivas	28,40%	23,45%	24,70%	23,45%

## Coerência Narrativa X Grupo

Quadro 22 - Coerência Narrativa X Grupo

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Coerente	95,71%	97,14%
2 : Incoerente	4,29%	2,86%

## Conteúdo Narrativa X Grupo

**Quadro 23 - Agressividade Desregulada X Grupo**

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Agressão Física	62,50%	37,50%
2 : Ameaça Pessoal	0	100%
3 : Destruição Objectos	33,33%	66,67%

**Quadro 24 - Conflito Interpessoal X Grupo**

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Conflito Interpessoal	30%	70%

**Quadro 25 - Temas Conflito Interpessoal X Grupo**

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Competição	1	2
2 : Conflito Verbal	0	5
3 : Exclusão dos Outros	2	0
4 : Rivalidade-Ciume	1	2

**Quadro 26 - Perigo X Grupo**

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Perigo	47,37%	52,63%

## Conteúdo Narrativa X Sexo

**Quadro 27 - Agressividade Desregulada X Sexo**

	A : Pessoa:Sexo = Feminino	B : Pessoa:Sexo = Masculino
1 : Agressividade Desregulada	26,77%	73,33%

**Quadro 28 - Conflito Interpessoal X Sexo**

	A : Pessoa:Sexo = Feminino	B : Pessoa:Sexo = Masculino
1 : Conflito Interpessoal	90%	10%

**Quadro 29 - Temas Conflito Interpessoal X Sexo**

	A : Pessoa:Sexo = Feminino	B : Pessoa:Sexo = Masculino
1 : Competição	3	0
2 : Conflito Verbal	5	0
3 : Exclusão dos Outros	0	1
4 : Rivalidade-Ciúme	3	0

**Quadro 30 - Perigo X Sexo**

	A : Pessoa:Sexo = Feminino	B : Pessoa:Sexo = Masculino
1 : Perigo	36,84%	63,16%
2 : Continuação Perigo	3	3
3 : Novo Perigo	4	9

**Emoções Narrativa X Grupo****Quadro 31 - Emoções Narrativa X Grupo**

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Emoções Negativas	48,65%	55,22%
2 : Emoções Positivas	51,35%	44,78%

**Emoções Narrativa X Total****Quadro 32 - Emoções Narrativa X Total**

	A : Amostra Total
1 : Ciúme	4
2 : Culpa	42
3 : Desprezo	4
4 : Fadiga	1
5 : Infelicidade	1
6 : Medo	13
7 : Preocupação	11
8 : Raiva	3
9 : Tristeza	24
10 : Vergonha	3

## Emoções Narrativa X Sexo

Quadro 33 - Emoções Narrativa X Sexo

	A : Pessoa:Sexo = Feminino	B : Pessoa:Sexo = Masculino
1 : Emoções Negativas	53,49%	49,00%
2 : Emoções Positivas	46,51%	51%

## Processo de Resolução de Problemas X Grupo

Quadro 34 - Processo de Resolução de Problemas X Grupo

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Eficaz	94,20%	97,10%
2 : Ineficaz	5,80%	2,90%

## Processo de Resolução de Problemas X Sexo

Quadro 35 - Processo de Resolução de Problemas X Sexo

	A : Pessoa:Sexo = Feminino	B : Pessoa:Sexo = Masculino
1 : Eficaz	95,71%	95,59%
2 : Ineficaz	4,29%	4,41%

## Resolução Eficaz Problemas X Grupo

Quadro 36 - Resolução Eficaz Problemas X Grupo

	A : Normativos	B : Sinalizados
1 : Acção Família	47,73%	52,27%
2 : Acção Mágica	22,22%	77,78%
3 : Acção Própria	50,57%	49,43%
4 : Acção Terceiros	40%	60%

## Resolução Eficaz Problemas (Quem) X Grupo

Quadro 37 - Resolução Eficaz Problemas (Quem) X Grupo

	A : Nomativos	B : Sinalizados
1 : Avó	8	10
2 : Irmã	0	8
3 : Irmão	4	3
4 : Mãe	14	11
5 : Mãe e Pai	15	13
6 : Pai	4	10

## Resolução Eficaz Problemas X Sexo

Quadro 38 - Resolução Eficaz Problemas X Sexo

	A : Pessoa:Sexo = Feminino	B : Pessoa:Sexo = Masculino
1 : Acção Família	54,55%	45,45%
2 : Acção Mágica	33,33%	66,67%
3 : Acção Própria	52,87%	47,13%
4 : Acção Terceiros	40%	60%

Quadro 39 - Resolução Eficaz Problemas (Quem) X Sexo

	A : Pessoa:Sexo = Feminino	B : Pessoa:Sexo = Masculino
1 : Avó	11	7
2 : Irmã	6	2
3 : Irmão	4	3
4 : Mãe	13	12
5 : Mãe e Pai	15	13
6 : Pai	6	8

## Estratégias Confronto X Sexo

Quadro 40 - Estratégias Confronto X Sexo

	A : Pessoa:Sexo = Feminino	B : Pessoa:Sexo = Masculino
1 : Assimilação	58	51
2 : Evitamento	2	3
3 : Mistas	9	15

## Responsividade ao Examinador X Grupo

Quadro 41 - Responsividade ao Examinador X Grupo

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Envolvimento	100%	85,29%
2 : Responde quando Questionada	0	14,71%

## Tipo de Família Representada X Grupo

Quadro 42 - Tipo de Família Representada X Grupo

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Alterada	10	8
2 : Equivalente	10	2

Quadro 43 - Omissões X Grupo

	A : Pessoa:Grupo = Normativo	B : Pessoa:Grupo = Sinalizado
1 : Acrescenta Irmã	1	0
2 : Acrescenta Irmão	2	0
3 : Acrescenta Primo	1	1
4 : Omite Irmã	0	3
5 : Omite Irmão	0	2
6 : Omite Irmãs	1	0
7 : Omite Madrasta	0	1
8 : Omite Mãe	2	2
9 : Omite Pai	2	2

## Figura de Identificação X Grupo

Quadro 44 - Figura de Identificação X Grupo

	A : Normativos	B : Sinalizados
1 : Outro	3	4
2 : Próprio	7	7

**Quadro 45 - Identificação Outro X Grupo**

	A : Nomativos	B : Sinalizados
1 : Imaginário	2	0
2 : Cão	1	0
3 : Irmã	0	1
4 : Irmão	0	1
5 : Mãe	0	1
6 : Pai	0	0
7 : Tio	0	1

**Tendência Narrativa X Grupo****Quadro 46 - Mais Generoso X Grupo**

	A : Nomativos	B : Sinalizados
1 : Mãe	4	3
2 : Pai	0	1
3 : Irmã	1	2
4 : Irmão	0	3
5 : Avó	1	3
6 : Avô	1	1
7 : Tia	1	0
8 : Próprio	2	5
9 : Animais	2	0
10 : Todos	0	1
11 : Outros	1	0

**Quadro 47 - Menos Generoso X Grupo**

	A : Nomativos	B : Sinalizados
1 : Mãe	0	1
2 : Pai	1	3
3 : Irmã	0	3
4 : Irmão	4	3
5 : Avô	0	1
6 : Prima	2	0
7 : Primo	0	1
8 : Próprio	1	1
9 : Nenhum	2	1
10 : Animais	2	0

**Quadro 48 - Mais Feliz X Grupo**

	A : Nomativos	B : Sinalizados
1 : Mãe	1	3
2 : Pai	0	1
3 : Irmão	0	2
4 : Tio	0	1
5 : Prima	1	0
6 : Primo	1	0
7 : Próprio	8	3
8 : Todos	0	2

**Quadro 49 - Menos Feliz X Grupo**

	A : Nomativos	B : Sinalizados
1 : Pai	4	2
2 : Irmã	1	1
3 : Irmão	0	2
4 : Avó	0	1
5 : Avô	1	0
6 : Tia	1	0
7 : Prima	0	1
8 : Primo	0	1
9 : Próprio	1	2
10 : Nenhum	2	2
11 : Animais	1	0



***ANEXOS***



*ANEXO A – The MacArthur Narrative Coding Manual (Robinson, Mantz - Simmons, MacFie, Kelsay & The MacArthur Narrative Working Group, 2001). (Excertos)*

## **I. CONTENT THEMES**

(...)

### **D. DYSREGULATED AGGRESSIVE THEMES**

**10) AGGRESSION (AG)** - Interpersonal acts of aggression. (Pay attention to facial expressions and vocalizations that may or may not co-occur with physical or verbal aggression). Aggression against the scary dog is NOT coded. Also, the scary dog being aggressive to people is NOT coded under aggression.

**1 = Verbal Aggression** – This includes name calling, shaming comments, threats, and personal insults that are well-regulated vs. dysregulated. A single utterance without exchange of words is coded here. Multiple aggressive verbal exchanges is scored as Verbal Conflict (VC).

**2 = Physical Aggression** – contact between children and adults, between children or between adults that is intended to hurt and/or cause harm. **Only code aggression that is provoked and regulated under this code.**

Ex: - Parents hit each other

- Stabbing or shooting someone

- Children knocking each other over to cause pain or hurt.

**3 = Unprovoked Dysregulated Aggression** - Use this code when there is no apparent reason for the aggression. also include incidences of aggression that is dysregulated which often appears random and chaotic.

Ex: - everyone gets knocked down at the end of story.

**4 = Child verbally or physically assaults an adult** - This should also be coded under Atypical Responses 2 (AR2).

**11) ESCALATION OF INTERPERSONAL CONFLICT (E/C)** - indicates incidences of a character escalating the level of aggression beyond that evident in either character's first expression of aggression. Also include acts of retaliation that may reflect the same level of aggression or anger that was initially directed towards them. These may also be coded under the aggression category. Do not include in this category situations that involve discipline or punishment in which Mom may go from talking sternly to spanking. Also do not code any acts of retaliation that the dog

may have against the characters or the characters have against the dog. These should be put in the danger code or under AR2.

Ex: - Mom yells at child, child hits mom.

- child that gets knocked off horse hits the aggressor back
- in "Three's A Crowd" story child says "you should let him play because he's my brother" and when that doesn't work the older brother says "I will not give your ball back if he can't play".

**12) PERSONAL INJURY (PI)** - pertains to an instance of a character being **clearly** physically hurt or injured in which the physical pain may or may not be acknowledged. This may be self-inflicted injury, the result of an accident that was caused by another character, or a prop. Do not include instances such as one doll jumping on the stomach of another doll unless the victim indicates pain. (Do not assume pain). Do not code PI when the dog is hurt.

Ex: - child screams when falling off the rock

- child describes the injury
- child exclaiming "Ouch" when they touch the stove
- someone goes to the hospital

**13) ATYPICAL RESPONSES (AR)** - Mark the appropriate box when either Neutral/Positive or Negative Atypical Responses occur. Write a brief description of these in the designated line on the score sheet. This code refers to any response that is uncommon for a particular group of children.

**1 = Neutral or Positive** - atypical responses that are not concerning or alarming.

Ex: - dad puts his head in his cup

**2 = Negative** - any atypical, disorganized, and disturbing response that leaves the coder with a sense of concern and that has a negative tone to it. When the term 'whoopings' is used to mean spankings, do not include it here, code it as punishment/discipline only.

- Ex:
- "the house catches on fire and everyone dies"
  - a child assaults an adult (also coded as Aggression 4)
  - stabbing or shooting
  - Grandmother saying "I'm gonna kill the both of you"
  - getting hit with a belt or electrical cord
  - character running away from home
  - dad killing dog with a gun or a knife in 'Scary Dog' story

**14) SEXUALIZED ACTIVITY (SEX)** - Describes activity or words from the child that have sexual quality. For example the child may make a sexual statement, such as "they are making babies". The sexualized activity may occur shortly following affection but has more aggressive tone than affection. For example characters may kiss, and shortly after are banging into each other, or jumping on top of each other. Characters may start out lying on top of each other, and end up jumping up and down on each other. Affection can be coded if this is seen first.

## D. MORAL THEMES

(...)

**15) CONFLICT RESOLUTION (CR)** - refers to various means of conflict resolution between children, between parents, or between parents and children. If more than one form of conflict resolution occurs within a single narrative code both strategies.

**1 = Going to an Adult for Help** – this includes any time a child asks an adult for help, anyone calling 911, or anyone calling the police. Also included in this category are instances of tattling, a child threatening to tattle to an adult, and/or bribes.

Ex: - child goes to mom or dad when scary dog growls at them  
- mom or dad calls police in 'Lost Keys' story  
- child tells parent that the older sibling won't let them play ball in "Three's a Crowd" story in a way that indicates they wanted the parent to intervene on their behalf so that they would be included.

**2 = "Adult" Like Strategy** – child uses an 'adult like' like strategy to resolve an interpersonal conflict.

Ex: - Crowd story - children negotiate a time limit between each other so that everyone gets a turn.

(...)

**22) PUNISHMENT/DISCIPLINE/ MATURITY DEMANDS (P/D)** - vocalizations don't have to be harsh. Include threats of P/D for instances in which one child tells another that they are going to tell a parent so that the parent will discipline them. The TYPES of discipline/ punishment LISTED may be stated or enacted. Don't include P/D to the dog by anyone. Requests to come in and eat (e.g., Spilled Juice or Departure stories) are not included in this category.

**1 = Verbal** - punishment or discipline (or threat of) with no physical element.

These include time out, scolding, exclusion, deprivation, increased demands, rules or policies, and the socialization of politeness (i.e. parental expression of appropriate child behaviors and politeness rule).

Ex: -child runs to parent to tattle and the parent says: "I am talking right now."

-Grandma says to the children who are fighting "Apologize to each other"

**ALSO** code in this category unspecified acts of punishment where child indicates that P/D takes place but they don't indicate the form it takes.

Ex: - "He gets in trouble"  
- "Mom puts him in his room" (no vocalizations)  
- "Mom takes him home" (e.g., in Candy Store) along with some indication that he's in trouble.

**2 = Physical** - punishment or discipline (or threat of) with a physical element. The subject or character inflicts pain or discomfort on another character, which may take the form of spanking. This may be used for parents disciplining children, parents disciplining parents, children disciplining each other or the parents.

## **CODING OF PARENTAL REPRESENTATIONS IN NARRATIVES**

(...)

**D) NARRATIVE COHERENCE (NC)** - addresses the degree to which the child responds to the story stem with a logical sequence of events as well as the degree of elaboration which is brought to the response.

### **Conflict Not Handled**

(0) = No response or "I don't know what happens". Child may repeat a portion or all of the story stem without any additions.

(1) = Not coherent: fragmented shifts in story line. Child does not return to original story stem.

(2) = Child stays within story line but does not address the conflict or story. A portion of the story may be incoherent.

(3) = Child exhibits an understanding of the conflict but does not offer any resolution when a resolution is expected or does not offer an ending to the story. A portion of the narrative may be incoherent.

### **Conflict Handled by Changing Constraints**

(4) = Child handles the conflict by changing the constraints presented in the original stem or prompt. Narrative may include incoherent shifts. Ex: "Mom says it's OK to have cookies"

(5) = Child demonstrates an understanding of the conflict or story and handles it indirectly by offering an easier solution. Ex: in Keys child says "The fight between the parents stops." In Crowd, the friend just walks away without his/her ball

### **Embellished Incoherent**

(6) = Child demonstrates an understanding of the conflict or story and/or offers a resolution without any story embellishment. Typically these stories are very short. Child offers the minimal amount necessary to tell the story. A segment of the story is incoherent.

(8) = Child demonstrates an understanding of the conflict or story and offers a resolution with some story embellishment. A segment of the story is incoherent.

### **Embellishment Coherent**

(7) = The same as EI 1 (6) with NO incoherence.

(9) = The same as EI 2 (8) with NO incoherence

(10) = A very coherent, logical, sequential series of events that are related to the story stem. Child may add to the story but does not change the original stem. An understanding of the conflict and a resolution to the conflict are presented, or an understanding of the story and an ending to the story are provided when there is no conflict. There are no incoherent shifts in the story and there is a lot of embellishment.